



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL – CENTRO**

**ANA JULIA PRUSAK
AYLA DA COSTA WITTACZIK
DÉBORA BEATRIZ BIER
GABRIELE FÁTIMA DE AZEVEDO
JULIA MONIQUE SCHLENERT
MAYCO ELIAS BELLOTTO
SABRINA LUISA KLEIN**

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES DA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA
24ª SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO ACERCA DA SUA FORMAÇÃO**

**JARAGUÁ DO SUL – SC
2019**

**ANA JULIA PRUSAK
AYLA DA COSTA WITTACZIK
DÉBORA BEATRIZ BIER
GABRIELE FÁTIMA DE AZEVEDO
JULIA MONIQUE SCHLENERT
MAYCO ELIAS BELLOTTO
SABRINA LUISA KLEIN**

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DA ÁREA DE LÍNGUA PORTUGUESA DA
24ª SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO ACERCA DA SUA FORMAÇÃO**

Relatório parcial desenvolvido no eixo formativo diversificado “Conectando Saberes” do Curso Técnico em Química (Modalidade Integrado) do Instituto Federal de Santa Catarina.

Orientador (a): Josué Jorge Cruz

Coorientador (a): Rosicler Schuster

Coordenador (a): Anne Cristine Rutsatz Bartz

JARAGUÁ DO SUL – SC

2019

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender a perspectiva dos docentes da área de língua portuguesa de Ensino Médio, sobre a sua formação inicial e continuada, relacionando a sua preparação e formação acadêmica com as aptidões necessárias, não só exigidas pelo Estado e suas leis em geral, mas também para a sua prática. A pesquisa está sendo desenvolvida com base em artigos científicos, leis e autores que tratam do assunto, utilizando a metodologia da história oral. Desse modo, foram realizadas uma entrevista piloto e outras três entrevistas, as quais foram transcritas, neste semestre, a fim de efetuar a análise dos dados obtidos. Devido à maior delimitação de tema sugerida pela banca, realizou-se a adequação de todos os aspectos metodológicos do projeto e ampliou-se a fundamentação teórica. Percebeu-se, na entrevista piloto, que: i) algumas perguntas deveriam ser suprimidas e outras adequadas; ii) era mais eficiente enviar as perguntas de antemão aos entrevistados.

Palavras chave: Língua Portuguesa. Ensino Médio. Formação Acadêmica. Docentes.

ABSTRACT

The search object is to understand the teacher's prospect of portuguese language on high school about they're initial and continued formation contacting they're preparation and also academic training with necessary ability required by the State plus the law in general, and also to the practice. The search is being increase based on scientific articles, laws and professionals about the topic, using the oral history methodology. This way, it was made one pilot interview plus three another interviews, they were transcribe, to achieve the obtained data analysis. Due the bigger theme delimitation suggested by examining board, it was made the adequation of all methodological aspects from project and it has widened theoretical foundation. Realized, on pilot interview, that: i) some questions should be suppressed and others adequate; ii) it was more efficient send the questions earlier to interviewed.

Keywords: Portuguese language. High school. Academic Training. Teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 HIPÓTESES.....	5
3 OBJETIVOS.....	6
3.1 Objetivo geral.....	6
3.2 Objetivo específicos.....	6
4 JUSTIFICATIVA.....	6
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
5.1 Aspectos históricos	7
5.1.1 História da língua portuguesa como disciplina no Brasil.....	9
5.2 Formação de professores segundo órgãos nacionais e internacionais	13
5.2.1 O ensino de língua portuguesa.....	15
5.2.2 Metodologias de Ensino.....	17
5.2.3 LDB – Lei de diretrizes e bases da educação nacional.....	18
5.3 Políticas de formação docente inicial e continuada.....	19
5.3.1 Políticas de formação inicial dos professores de língua portuguesa.....	20
5.3.2 Processos de formação continuada.....	25
5.4 Secretaria de Estado da Educação.....	27
6 METODOLOGIA.....	28
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
8 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	38

1. INTRODUÇÃO

Abordaremos como tema da nossa pesquisa a percepção dos professores de língua portuguesa do Ensino Médio a respeito da sua formação. Partindo das experiências que os pesquisadores obtiveram no decorrer da sua carreira acadêmica, constataram que a formação apropriada do docente é essencial para a construção formativa dos alunos, e que muitas vezes a realidade é que a formação mínima necessária para que isso ocorra não é efetivamente posta em prática.

Tendo em vista o tema a ser pesquisado consideramos como objeto essencial para a obtenção de dados, os relatos das experiências dos docentes de língua portuguesa do Ensino Médio em relação a sua formação e o impacto da mesma na vida dos seus alunos. Para a análise dos resultados obtidos utilizaremos como metodologia a história oral.

Diante da importância dos docentes no processo de ensino-aprendizagem observada pelo grupo em sua experiência formativa executada em diferentes instituições, elaboramos, nesta pesquisa, uma investigação acerca da percepção dos professores em relação a sua formação; a questão problema que buscamos responder é: **qual a percepção dos professores de língua portuguesa de Ensino Médio das escolas da 24ª Secretaria do Estado da Educação em relação à sua formação inicial e continuada?**

2. HIPÓTESES

- Durante sua formação inicial, houve alguns aspectos que não contemplaram os interesses dos professores;
- Os professores se sentem devidamente preparados com a sua formação acadêmica;
- Na percepção dos professores, há incentivo necessário para a sua formação continuada;
- Na percepção dos professores, a formação continuada não contempla os seus interesses.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Para que haja a solução da questão problema, partimos do objetivo geral de compreender a percepção do professor de língua portuguesa de Ensino Médio das escolas da 24ª Secretaria de Estado da Educação acerca da sua formação inicial e continuada.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Tendo em conta o objetivo geral citado acima, listamos os seguintes objetivos específicos:

- Entender as diretrizes legais para a formação dos professores de língua portuguesa de Ensino Médio;
- Determinar um grupo de professores da língua portuguesa que representa o segmento do Ensino Médio das escolas 24ª Gerência Regional de Educação;
- Investigar a perspectiva dos professores de língua portuguesa em relação à sua formação acadêmica;
- Confrontar os diferentes pontos de vista dos professores de língua portuguesa referente a sua formação.

4. JUSTIFICATIVA

A motivação para essa pesquisa, relacionando formação do professor à sua opinião sobre ela, se deve à necessidade de compreender a percepção do próprio educador a respeito da sua formação acadêmica e continuada, buscando relacionar a sua preparação e formação acadêmica com as aptidões necessárias, não só exigidas pelo Estado e suas leis em geral, mas também para a sua prática.

Acreditamos que o desenvolvimento da formação acadêmica do docente influencia em boa parte a formação dos alunos, para isso, levamos em consideração as nossas experiências em relação à educação que tivemos no Ensino Fundamental, fase em que

observamos a dificuldade dos docentes em aplicar os conhecimentos adquiridos na sua formação durante as aulas.

Pensamos que este estudo se justifica pela necessidade de promover uma reflexão a respeito da desvalorização do docente que parece partir dos órgãos governamentais, além de afetar as estatísticas educacionais e a moral do professor diante dos cidadãos de Jaraguá do Sul e região.

De maneira que, ao ouvirmos a perspectiva dos docentes a respeito de sua própria formação, poderemos ampliar nossa visão sobre os desafios de passos tão importantes para o futuro profissional e de certo modo, apontar algumas direções a serem consideradas no assunto. Além disso, tratamos de um assunto inédito no Conectando Saberes, que pode inaugurar uma possibilidade para pesquisas futuras.

Apresentamos, a seguir, nossa fundamentação teórica, que trata, basicamente, de conceitos voltados ao ensino, à disciplina de língua portuguesa na história e a alguns aspectos da formação dos docentes da mesma área. Na sequência, discorreremos sobre a metodologia usada e propomos uma reflexão no formato de um relatório parcial com a narração do processo de reestruturação e modificação do projeto, que seguiu as considerações da banca. Finalizamos com as considerações preliminares, inserindo, ao fim das referências, os anexos e apêndices, com o conteúdo referente às entrevistas.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fim de alcançar nossos objetivos, apresentamos os seguintes conceitos, embasados em autores especializados no assunto com a intenção de promover um conhecimento mais aprofundado acerca do recorte proposto.

5.1 Aspectos históricos da formação docente

De acordo com Saviani (2009) a primeira Escola Normal foi inicialmente instalada na Província de Niterói, no Rio de Janeiro, em 1835 (fechada em 1849 e reaberta em 1859). Já de acordo com Tanuri (2006), após a criação da primeira Escola Normal, foram criadas novas instituições semelhantes em todo o Brasil. O curso implantado

nessas instituições era muito simples, com um ou dois professores para todas as disciplinas, contando com uma durabilidade de dois anos.

Conforme Tanuri (2006), reconhecendo a evolução das Escolas Normais depois de alguns anos, as instituições receberam valorização e importância, o que, gradativamente, auxiliou em uma evolução ainda mais complexa, a qual contava com o enriquecimento dos currículos, a ampliação dos requisitos para ingresso e a abertura de vagas para o sexo feminino. Por vista da implantação dessas melhorias de ensino, foi também exigido mais dos docentes que faziam uso dessas instituições, para assim criar mais oportunidades para os futuros docentes. Os reformadores da instrução prática do estado de São Paulo tem a seguinte crítica sobre esse espaço de formação:

Sem professores bem preparados, praticamente instruídos nos modernos processos pedagógicos e com cabedal científico adequado às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser regenerador e eficaz (SÃO PAULO, 1890, n.p).

Consequentemente, por volta de 1890, houve a reforma do plano de ensino das escolas normais, sendo definido que os professores deveriam ter uma preparação pedagógica-didática, de modo que esta preparação fosse devidamente dominada. Em 1932, a Escola Nova foi transformada na Escola de Professores, com a exigência de que, para lecionar, o docente deve ter o conhecimento de ao menos cinco disciplinas, sendo elas (SAVIANI, 2009).

1) Biologia educacional; 2) Sociologia educacional; 3) Psicologia educacional; 4) História da educação; 5) Introdução ao ensino, contemplando três aspectos: a) Princípios e técnicas; b) Matérias de ensino abrangendo cálculo, leitura e linguagem, literatura infantil, estudos sociais e ciências naturais; c) Prática de ensino, realizada mediante observação, experimentação e participação (SAVIANI, 2009. p. 145-146).

Em 1939, foi decretado que os educadores deveriam estudar por três anos as matérias específicas do seu curso universitário, além de um ano para a formação didática, modo conhecido como “3+1”. Mais tarde, especificamente durante o golpe militar, este modo de implantação didático (“3+1”) foi denominado como licenciatura plena. Diferente da licenciatura curta a qual possuía apenas três anos de duração (SAVIANI, 2009. p. 146).

De acordo com Saviani (2009), com o golpe militar de 1964, ocorreram adequações nas escolas como a mudança da denominação de ensinos primário e

médio para primeiro e segundo grau. Além da exigência de 2º grau completo para o direito de exercer o magistério.

Ainda de acordo com o autor existiam dois métodos utilizados pelos professores para ensinar: O método dos conteúdos culturais-cognitivos, no qual exigia apenas o domínio do conteúdo sobre o qual havia adquirido para lecionar, e o método pedagógico-didático, o qual preparava o professor para lecionar de modo que este dominasse além dos conteúdos, como disseminar os assuntos ponderados ao longo de seu curso universitário (preparo didático-pedagógico). Prevalece, até a modernidade, o dilema entre estes dois métodos de ensino.

5.1.1 História da língua portuguesa como disciplina no Brasil

De acordo com Soares (2004), a língua portuguesa foi designada como disciplina somente no final do Império, nas últimas décadas do século XIX. No princípio do país, antes da prevalência da nossa língua portuguesa no Brasil Colonial, havia três línguas que conviviam: a língua geral que provinha do português dos colonizadores e era considerada a principal das três formas de comunicação da época, sendo que esta cobria as línguas indígenas faladas no território, além da terceira língua, que era o latim, utilizada para o ensino secundário e superior dos jesuítas.

Ainda, de acordo com a autora, a língua geral foi sistematizada pelo jesuíta José de Anchieta em sua obra “Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil”. Esse modo de comunicação era considerado a primeira língua dos indígenas (que possuíam várias línguas diferentes por serem de tribos variadas), dos filhos de colonizadores e dos próprios bandeirantes e também era utilizada para nomear a fauna, flora, povoações, entre outros.

Por volta do século XVII, os meninos iam à escola apenas para a alfabetização, ou seja, aprender a ler e escrever o português. Mas este ainda não era considerado um componente curricular. Em meados do século XVIII, o ensino secundário e superior do Brasil era aplicado pelos jesuítas, e de acordo com a afirmação de um deles: “não havia espaço para o ensino do vernáculo¹” (CUNHA *apud* SOARES, 1985: p. 75; 2004), portanto, era tudo transmitido em latim.

¹ Vernáculo: Língua nativa de uma nação ou região.

De acordo com a autora, os vários motivos que contribuiriam para o português não ser considerado de fato uma disciplina curricular eram que:

os poucos que se escolarizavam durante esse período pertenciam a camadas privilegiadas, cujo interesse e objetivo era seguir o modelo educacional da época, que se fundava na aprendizagem do latim e através do latim, fugindo dos sistemas pedagógicos de então atribuir às línguas educacionais estatuto de disciplina curricular, e em segundo lugar [...], não era a língua dominante no intercâmbio social, não havendo, por isso, razão ou motivação para instituí-lo em disciplina curricular (SOARES, 2004, p. 159).

Outro motivo indica que, apesar de várias gramáticas da língua portuguesa terem sido publicadas entre os séculos XV e XVII, o português ainda não havia se transformado em uma disciplina curricular por não ser considerado uma área de conhecimento, por motivos internos: por não possuir uma tradição como área de estudos; e externos, como baixo valor cultural, pelo fato de ser usada em sua maioria verbalmente e imprecisão nos estatutos escritos (SOARES, 2004).

Na metade do século XVIII, na década de 50, Marquês de Pombal implantou reformas em Portugal e em todas as suas colônias, as quais tornavam obrigatório o uso da língua portuguesa. Essas mudanças contribuíram imensamente para consolidação da língua portuguesa no Brasil e para seu devido reconhecimento e inserção na escola. Pombal defendia que:

Sempre foi máxima e inalteravelmente praticada em todas as nações que conquistaram novos domínios, introduzir logo nos povos conquistados seu próprio idioma, [...] ao mesmo passo que se introduz neles o uso da língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo Príncipe (CUNHA *apud* SOARES, 1985: p. 75; 2004).

Um dos principais cuidados dos Diretores (será) estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum que os Meninos e Meninas, que pertencem às escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nessa matéria, usem da língua própria das suas nações ou da chamada geral, mas unicamente da Portuguesa, na forma que S. M. tem recomendado em repetidas ordens, que até agora não se observaram, com total ruína espiritual e temporal do Estado (CUNHA *apud* SOARES, 1985: p. 75; 2004).

De acordo com Soares (2004), as reformas impostas não agradaram a todos da época, um exemplo são os jesuítas, pelo fato de que toda a organização escolar utilizada por eles teria que ser substituída. Já por outro lado, de acordo Telmo Verdelho (VERDELHO *apud* CUNHA, 1985: p. 81) a reforma foi muito conveniente,

possibilitando alfabetização e conseqüentemente a leitura traduzida de obras de filósofos enciclopedistas no final do século XVIII.

Ainda de acordo com a autora, em relação aos componentes curriculares, termo utilizado recentemente, a reforma pombalina tinha o propósito de ensinar a ler e escrever o português, além de ensinar a gramática da língua portuguesa e latina. E diferentemente de como era lecionado o latim anteriormente, com leituras e diálogos na própria língua, agora a gramática dessa deveria ser ensinada através da própria gramática portuguesa, em que os professores deveriam indicar as semelhanças entre as línguas.

Diversas gramáticas escritas ao longo do século XIX - após a instalação da Impressão Régia no Rio de Janeiro em 1808 - por autores, geralmente professores, que dedicaram suas obras à alunos e professores as quais auxiliaram para que ao longo do século XX, o latim perdesse sua importância e uso na sociedade, e a gramática do português fosse crescendo e ganhando autonomia e reconhecimento como uma área de conhecimento.

Em 1837, foi criado também no Rio de Janeiro o Colégio Pedro II que durante muitos anos foi utilizado como um modelo padrão de ensino secundário no Brasil, visto que o ensino da língua portuguesa abrangia disciplinas tais como: retórica (princípios relativos à arte da oralidade, elaboração de discursos, entre outros), poética (estudo da literatura) e gramática nacional (aprendizagem sobre o sistema da língua); as quais perduraram desse modo até o fim do Império, momento em que as três disciplinas se fundem e geram o Português como uma única disciplina.

Mesmo com essa mudança, a disciplina ainda abrangia os mesmos assuntos, no entanto, o único que realmente teve uma mudança significativa foi o componente “retórica”, que a partir desse momento começou a exigir dos alunos a questão de escrever dentro das normas de gramática da língua portuguesa (SOARES, 2004).

De acordo com a autora Soares (2004) as coletâneas de textos utilizadas nos primeiros anos do século XX não contavam com qualquer apoio didático ao professor, tais como: comentários, explicações, exercícios ou questionários; somente trechos de textos dos mais consagrados autores da época, cabendo assim ao próprio professor interpretar, comentar e aplicar os princípios práticos da sua matéria aos alunos.

Somente a partir de 1950, ocorreram grandes mudanças no ensino do português, primeiramente pelo fato de que a escolarização se tornou um direito para todos, e não

só para os filhos da burguesia; as escolas contratavam mais professores, sendo muitos vindos de faculdades de filosofia, nas quais estudavam não só a literatura, mas também didática e pedagogia; os manuais didáticos passam a possuir exercícios (gramática, redação, interpretação) e posteriormente notas, comentários e explicações do autor.

Também foi nesse período que dois manuais, a gramática e a seleta de textos se fundiram em um único manual: a “antologia”, este constituído metade por gramática e metade por textos.

Conforme a autora, durante os anos de 1950 e 1960, a

persistência da primazia da gramática talvez se explique pela força da tradição que [...] vem dos tempos dos sistemas jesuíticos, e persistiu do século XVI até as primeiras décadas do século XX; talvez se explique também pelo vazio que o abandono da poética e da retórica deixou (SOARES, 2004, p. 168).

Em decorrência do regime militar de 1964, os livros didáticos e a língua sofreram algumas mudanças devido a nova Lei de Diretrizes e Bases (1971), em que o português nas séries iniciais do 1º grau era denominado comunicação e expressão, e nas séries finais do mesmo grau, comunicação em língua portuguesa. Já no 2º grau era denominado língua portuguesa e literatura brasileira - denominações que permanecem até o fim do regime militar, em 1980; nota-se que o foco não é mais o estudo sobre ou da língua portuguesa, mas sobre o uso dela (SOARES, 2004).

Segundo Soares (2004), a partir da década de 80, várias áreas das ciências linguísticas passaram a ser aplicadas nas escolas, apesar dos professores terem as matérias como linguística, sociolinguística, psicolinguística, análise do discurso, linguística textual e pragmática, incluídas em seus currículos de formação desde a década de 60.

De acordo com Santos (SANTOS *apud* SOARES, 1990; p. 175) a evolução de uma língua depende dos fatores externos e internos. Sendo o idioma ligado ao contexto social, histórico e econômico; além do próprio nível de desenvolvimento em que a língua se encontra, podendo depender do regime político de um determinado espaço, fatores culturais, dentre outros motivos.

Considerando que os fatores externos podem ser exemplificados como: contexto histórico, condições sociais, econômicas e culturais em que algo se encontra; os fatores

internos podem ser ilustrados como o nível de conhecimento em que se encontra a língua desenvolvida até o momento e a formação dos profissionais da área.

5.2. Formação de professores segundo órgãos nacionais e internacionais

De acordo com Azevedo (2012), as reformas do Estado da década de 90 influenciaram a criação de variadas políticas públicas, inclusive a educacional, que fez com que fossem exigidas novas funções do Estado. Na área da educação, essas transformações acarretaram ao Estado grandes modificações, como acatar a demandas sociais e atender a requisitos exigidos no mercado de trabalho.

No Brasil, a reforma educacional teve ampla influência de órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e o Banco Mundial, que fizeram ser possível um modelo de formação mais dinâmica, flexível e articulada a novas exigências sociais (AZEVEDO, 2012).

Seguindo com os dados da tese de Azevedo (2012), as políticas de formação desenvolvidas a partir de 1990 têm como objetivo profissionalizar docentes, enfatizando o aprender a fazer que, segundo Filho, “é a capacidade de viver profissionalmente o que se sabe teoricamente” (FILHO *apud* AZEVEDO, 2012, p.43). Também expostos em documentos publicados pela UNESCO e CEPAL, outra alteração no currículo foi que o foco passa a ser para um grupo de competências necessárias para que o docente em formação possa exercer sua profissão em sala de aula.

Azevedo (2012, p.43), ao referir-se mais uma vez à UNESCO, afirma que no documento divulgado “Educação: um tesouro a descobrir”, foi dado destaque ao papel do professor como “formadores do caráter e do espírito das novas gerações”, assim, concebemos que a preocupação é com a qualidade do ensino atrelado a qualificação do docente, passando para o professor o sucesso ou o fracasso da instituição de ensino.

Conforme Alves (2012), existem recomendações pedagógicas para que a formação inicial seja baseada nos quatro pilares apontados para a educação do século XXI, sendo eles: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser” (UNESCO, 1998, p.90).

Conforme o documento publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (1998), o “aprender a conhecer” diz respeito à aprendizagem que tem como objetivo adquirir os conhecimentos historicamente sistematizados e o domínio dos próprios instrumentos de produção destes conhecimentos; se espera que cada um “aprenda a aprender” (UNESCO, 1998, p. 91) para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.

Já o “aprender a fazer”, segundo Azevedo (2012) diz respeito ao desenvolvimento de capacidades que torna alguém habilitado a enfrentar situações na vida em sociedade; esse fazer deve ser trabalhado junto ao conhecer na formação do professor, pois deve se buscar sempre a conexão da teoria com a prática, o “saber” e “saber fazer” não são nada se separados.

Em relação ao “aprender a viver juntos”, aborda a relação com o outro, compreender as diferenças, ter a capacidade de evitar conflitos, entender e respeitar os valores de cada um. A orientação é construir relações equilibradas, pois cada vez mais é notado pela falta dessa relação a desvalorização do professor (AZEVEDO, 2012).

O último, “aprender a ser” é o desenvolvimento pessoal, a capacidade de portar-se com discernimento, independência, responsabilidade e poder construir seus próprios valores; o desenvolvimento pessoal vem desde o nascimento e só termina na morte (UNESCO, 1998).

Ademais, Moreira (2012) cita também outras indicações dadas pela UNESCO para a melhoria do docente, como: utilização de tecnologias como suporte para lecionar, metodologias de ensino que facilitem a aprendizagem dos alunos e condições de trabalho próprias para o ensino.

Dissertando sobre a CEPAL, Azevedo (2012) apresenta a proposta escrita no documento “Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade”, este diz sobre estratégias econômicas para a América do sul, trazendo a educação como o ponto principal para o desenvolvimento dos países sul-americanos.

No documento, a proposta é que a formação de professores seja facilitada por meio de programas de capacitação de fácil acesso, além disso, ressalta que os países que fazem parte do grupo devem fazer uma ampla modificação nos “modos de produzir, aplicar e transmitir conhecimentos” (AZEVEDO, 2012, p.46). Assim, a

política de formação de professor deve mudar o sistema de qualificação e fazer atividades no âmbito das ciências e tecnologias.

Alves (2012) comenta que deve ser valorizada a qualidade do ensino, a capacitação e a importância do professor, como descrito no documento: “A profissão docente precisa ser socialmente valorizada, adequadamente remunerada e estruturada em função de méritos, exigências e de desempenhos” (CEPAL/UNESCO apud AZEVEDO, 2012, p. 47).

No Brasil, foram tomadas medidas como a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), tal como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Desse modo, como ponto relevante da LDB é a associação entre teoria e prática que reflete no dia a dia do professor em sala. Seguindo essa ideia, os cursos de formação de docentes passaram a organizar os currículos dos cursos, de modo que a prática e a teoria caminhem juntas (AZEVEDO, 2012).

Em resumo, as propostas de formação de professores trazidas nesta pesquisa necessitam de um profissional competente que tenha conhecimento do saber e do saber fazer, que saiba colocar em prática e transmitir o conhecimento adquirido; um profissional em constante formação e capaz de estabelecer uma relação aluno-professor harmoniosa.

5.2.1 O ensino de língua portuguesa

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), atividades como ouvir, escrever, ler e falar deve possibilitar ao aluno “por meio da análise e da reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e a construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva” (BRASIL, 1998, p.27), competência essa que, segundo Travaglia, é “a capacidade do usuário empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (TRAVAGLIA, 1996, p.17 apud AZEVEDO, 2012, p.54). Assim, o ensino deve ser voltado aos usos da língua, já que a usamos frequentemente para interagir e compreender a sociedade a nossa volta.

Desse modo, se o pretendido é que os alunos desenvolvam habilidades comunicativas, a educação deve ensiná-los como utilizar as palavras, por este motivo,

segundo Lomas (LOMAS *apud* AZEVEDO, 2012, p. 54-55), entende-SE que a formação de docentes deve integrar os obstáculos e implicações dessa prática pedagógica, que deve passar por modificações para atender às exigências de ensinar cidadãos a escrever, ler, ouvir e falar.

Conforme Palma, Turazza e Nogueira Júnior (PALMA, TURAZZA E NOGUEIRA JÚNIOR *apud* AZEVEDO, 2012) o ensino da língua tem objetivo de preparar o indivíduo para usar a língua, em diferentes situações e com todas as suas variações; portanto, o professor não deve ensinar somente uma variável ou só regras e nomenclaturas gramaticais. Essa ideia concilia com a intenção de desenvolver alunos que saibam utilizar a língua para defender seus pontos de vista e interagir na sociedade.

Focando no Ensino Médio, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM) se dividem em três grandes áreas do conhecimento, sendo a área de Linguagens, Códigos e Tecnologias que trataremos aqui. Lopes et al (*apud* ALVES, 2012, p.56) declara que “para construir um conhecimento que seja responsivo à vida social, é necessário que diferentes disciplinas entrem em convergência e passem a focalizar tópicos em comum”.

Voltando a OCNEM (2006), a área a ser tratada aqui abrange subáreas como: língua portuguesa, língua estrangeira, educação física, artes e informática; trataremos da subárea de língua portuguesa. Assim, é definido pela OCNEM que “as ações realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta” (2006, p. 18).

Alves cita que na proposta dos PCN, “a linguagem é definida como um ato comunicativo que produz sentido” (2012, p.57), deste modo, deve-se trabalhar a linguagem com os alunos de forma a fazê-los comunicar-se por meio de textos e gêneros discursivos que circulam no meio em que vivem. Portanto, os alunos devem ter consciência das condições de produção e recepção dos discursos produzidos.

Assim, Azevedo (2012) evidencia que nessa nova ideia de ensino e aprendizagem que se baseia no desenvolvimento de competências cognitivas e culturais, requisita do docente “conhecimento, reflexão e empenho no exercício da transposição didática dos princípios teóricos que norteiam e fundamentam suas práticas na sala de aula” (AZEVEDO, 2012, p.58).

Conseqüentemente, a contar destes dados apresentados, Alves (2012) menciona que o sistema de ensino da língua materna demanda do educador uma formação inicial bem estabelecida na relação entre teorias linguísticas e didático-pedagógicas, em articulação com os objetivos das propostas nacionais e metodologias de ensino que, conseqüentemente, promovam a competência do uso da língua.

5.2.2 Metodologias de Ensino

De acordo com Gadotti (2010) existem muitas metodologias que os docentes podem se amparar para a construção de suas aulas. É importante, também, ressaltar que a maioria dos professores não se baseiam em uma metodologia específica, e sim trazem consigo características de várias, estas vistas durante a formação inicial, percebidas de seus próprios docentes, assim como em estudos pedagógicos, nos quais tiveram acesso às metodologias de ensino mais conhecidas.

Ainda de acordo com o autor, define-se por metodologia o esquema metódico em que uma informação ou algum procedimento deve ser usado para ser expresso. Dessa maneira, a metodologia de ensino consiste em métodos que podem ser utilizados por docentes, para o trabalho didático-pedagógico em sala de aula, de forma que os discentes interajam com o conhecimento da melhor maneira possível e possam ser avaliados, segundo os critérios da metodologia que o professor estiver usando. Visando, sobretudo, o desenvolvimento das potencialidades, para que o indivíduo seja sujeito de sua própria história, e não um objeto dela.

Existem, de maneira geral, tipos de metodologias, como a Tradicional, baseada em aulas mais expositivas, nas quais o papel do professor ainda é transmitir o conhecimento e receber o entendimento dos discentes em forma de nota. Além dela, outra metodologia possível de ser aplicada é o Construtivismo, na qual os discentes são estimulados a construir o seu conhecimento e a nota atribuída à avaliação se refere à construção de conhecimento prévio, antes e durante da avaliação (GADOTTI, 2010).

Finalizando a ideia do autor, existem também outras metodologias difundidas e que servem como base para os professores, são a Montessori, Waldorf, Pikler e

Paulo Freire, cada uma com as suas especificidades. Pode-se, assim, afirmar que existem metodologias que se diferem de outras e também aquelas que se assemelham, tendo muitas vezes, como diferença, o método avaliativo. Cabe, a cada docente, decidir qual será mais efetiva considerando a escola em que atua e as políticas que regem a educação no seu Estado e Município.

5.2.3 LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

A primeira aprovação da Lei de Diretrizes e Bases aconteceu em 1961, e foi uma descentralização de poder que antes era todo do Ministério da Educação e cultura; em 1971 veio uma nova LDB, que teve como uma das mudanças o ensino obrigatório dos 7 aos 14 anos, previa um currículo comum para o primeiro e segundo graus e uma parte diversificada em função das diversas regiões. A última reforma foi a de 1996, que teve várias mudanças, como por exemplo, um capítulo específico para tratar sobre a formação de professores.

A Lei de Diretrizes e Bases, Lei n 9.394/1996 regulamenta o sistema de educação do Brasil, tanto das escolas públicas, quanto privadas. A LDB afirma o direito à educação e define as responsabilidades da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios (BRASIL, 1996).

Segundo a LDB 1996), Art. 61, consideram-se profissionais da educação básica aqueles que estão em efetivo exercício e são formados em cursos reconhecidos, sendo eles:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim; IV – profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; e V – profissionais graduados que tenham feito complementação pedagógica, conforme disposto pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1996 p. 41-42).

Ainda conforme a Lei de Diretrizes e Bases (2017), a União, o Distrito Federal, os estados e municípios devem adotar medidas para facilitar a permanência de docentes em seus cursos de formação, cursos que o governo deve proporcionar. O curso de formação inicial deve preferencialmente ser presencial, já os cursos de formação continuada e capacitação poderão utilizar recursos da tecnologia e educação a distância.

5.3 Políticas de Formação Docente Inicial e Continuada

Para entender as políticas docentes, é preciso considerá-las no centro das políticas educacionais que as configuram. A propriedade histórica das políticas educacionais remete a analisar as diferentes formas de as pôr em prática no contexto nacional e internacional; já as políticas do currículo são relacionadas à maneira como o sistema educacional compreende a função social da escola. Não se entende só como do jeito que se é ensinado no ensino fundamental e médio, mas também aos cursos de formação continuada dos docentes (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Podemos perceber que nas políticas de formação de professores as relações de poder sempre estão de acordo com uma produção de conhecimento e saberes que criam um imaginário de professor. Saberes e produção de saberes estão relacionadas com poder, neste caso é feito a partir de uma visão que assume o professor, sem considerar que sua posição como sujeito-professor é apenas uma no conjunto de identificações que o criam e fazem ele ser sujeito (BERTOLDO, 2017).

O pesquisador Ernesto Sérgio Bertoldo, cita Gomes que faz uma análise da proposta de avaliação de leitura do PROEB (Programa de Avaliação Pública de Educação Básica do Estado de Minas Gerais), apresentando o descompasso entre a avaliação do PROEB e o ponto de vista dos professores de língua portuguesa sobre a leitura e a avaliação de leitura. A análise de Gomes mostra que a proposta do PROEB indica alguns argumentos de teorias que não se realizam na execução.

O discurso dos professores que foram analisados na pesquisa de Gomes, reforçou a necessidade de repensar as políticas de formação em relação aos docentes. Os dizeres dos educadores são marcados pela falta: de espaço físico, como uma boa biblioteca; de professores para orientar na biblioteca; alunos sem condição

financeira para comprar livros extras; falta de incentivo de funcionários sem hábito de leitura (BERTOLDO, 2017).

Os parâmetros nacionais (PCN) e os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCN), que foi nomeado pela constituição de 1998 e a Lei nº 9.394/1996 da LDB, são capazes de afirmar a concepção da educação básica como um processo contínuo, regido pelos mesmos princípios educacionais e voltado para acolher a população a partir de alguns meses de vida até os 17 anos. O PNC fica em torno das áreas de conhecimentos, não sendo apenas as disciplinas de referência, mas também o conhecimento adquirido no cotidiano dos discentes e dos docentes. Foram incluídos temas transversais (diversidade cultural, gênero, sexualidade, preservação do meio ambiente, ética e cidadania), possibilitando que o currículo deveria ser passado por pontos de vista social (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

5.3.1 Políticas de Formação Inicial dos Professores de Língua Portuguesa

A formação inicial dos professores cria as bases das quais vão partir a fim de exercerem a atividade educativa, sua profissionalidade e a constituição de sua profissionalização (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Na discussão sobre a formação docente, dois aspectos se ressaltam: os fatores socioculturais, diferenciais de grupos envolvidos na ação docente; e as políticas curriculares face aos processos necessários à sua profissionalização. O trabalho do professor, a identidade profissional em sua dimensão política e o reconhecimento social são fatores importantes e estão interligados (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

A formação inicial do professor realizada durante as licenciaturas deve alcançar a relação necessária entre teoria e prática, porém, as instituições que formam professores possuem algumas lacunas básicas neste quesito que precisam ser repensadas. Uma delas está presente nas formações clássicas voltadas à preparação individual, as quais são ineficazes pois não trazem experiências e conhecimentos adquiridos pela experiência de trabalho, sendo estes, necessários para exercer a profissão docente. Uma formação acadêmica demasiadamente genérica é insuficiente para a integralização da formação de um professor, pois para a profissionalização é

necessária uma base sólida de conhecimentos e formas de ação, provida por uma formação adequada e suficiente (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Visto isso, temos como exemplo as transformações que a formação do professor de língua portuguesa passa no Brasil, desde questões de aperfeiçoamento até a determinação da norma padrão. Sabe-se que dentro da norma padrão não é permitida nenhuma variação linguística, porém, as mesmas são efetivas dentro da linguística, assim, há uma divisão entre escola e sociedade. O docente deve desenvolver a identidade social e linguística durante o curso, obtendo deste modo, capacidades como linguagem, percepção de ensino e letramento digital. A respeito disso foram criadas as PCNs na tentativa de resolver essa divisão, porém, existe uma carência no conhecimento das diretrizes apresentadas, que deve ser suprida através de outros olhares para o que tange a formação continuada e o aperfeiçoamento profissional. (PETRONI, JUSTINO, MELO, 2011; JÚNIOR, 2017)

Gatti, Barreto e André (2011) afirmam que as licenciaturas são os cursos responsáveis pela formação dos professores para toda a educação básica, porém, existem vários problemas na consecução de seus propósitos formativos, como por exemplo: a formação de cada especialidade docente é feita em cursos separados, assim, os cursos não possuem uma base compartilhada. É necessário que ocorra uma integração, pois há uma separação interna existente entre formação em área disciplinar e formação pedagógica.

No caso das EaDs (Ensino a Distância), a relação teoria-prática não se concretiza no cotidiano das licenciaturas. Não há fortes iniciativas políticas em função de alterações na legislação educacional para tornar a formação de professores mais articulada (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Foram tomadas algumas medidas na tentativa de solucionar os problemas frequentes em relação a formação do professor como:

I. REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) – instituído pelo Decreto nº 6.096/2007 gerou um efeito na expansão da oferta de cursos de licenciatura pelas universidades federais. Seu objetivo é criar condições de ampliação de acesso e permanência em nível de graduação da educação superior. Suas diretrizes são reduzir taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas e aumento de vagas de ingresso; revisão da estrutura acadêmica, com reorganização dos cursos de

graduação e atualização de metodologias de ensino-aprendizagem; articulação da graduação com a pós-graduação e da educação superior com a básica (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

II. UAB (Universidade Aberta do Brasil) – Foi criado a partir do decreto nº5.800/2006, pelo governo federal com o intuito de proporcionar a formação inicial e continuada por meio de técnicas de educação a distância. A Universidade Aberta do Brasil é formada por instituições públicas de ensino superior, com cursos dirigidos principalmente para população que tem dificuldade para o acesso à educação superior; a prioridade é atender professores e trabalhadores da educação básica, com esses polos localizados principalmente no interior dos estados brasileiros. A Licenciatura em língua portuguesa é realizada dentro de uma carga horária de 3245 horas. Essa carga pode ser integralizada em, no mínimo, quatro anos, oito semestres, e ,no máximo, 8 anos, isto é, 16 semestres. O curso destina-se à formação intelectual em estudos da linguagem, envolvendo a linguística, a literatura e a educação. (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

III. ProUni (Programa Universidade para Todos) – instituído pela Lei nº 11.096/2005 serve para auxiliar estudantes de baixa renda no nível superior. Permite aproveitar parte das vagas ociosas nos IES privadas (particulares e confessionais). Abrange, além de alunos, professores que dão aula em escolas públicas e não possuem nível de formação superior (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

IV. PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica) – articula um conjunto de ações do MEC, para ministrar cursos de licenciatura a professores que atuam na rede pública e não têm formação no nível exigido pela Lei nº 9.394/1996 (LDB), garantindo ao Licenciado a formação e qualificação em Língua Portuguesa, para que possa atuar em diferentes realidades do contexto educacional e contribuir no processo de ensino-aprendizagem. A estratégia institucional é proporcionar uma formação centrada na escola, possuindo prática pedagógica como referência curricular e a visão do modelo universitário, como processo organizacional do conhecimento filtrado por uma compreensão teórica (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

V. SEE (Secretaria da Educação do Estado) – Os cursos cumprem a carga horária estabelecida, em termos de conteúdos básicos da licenciatura, não são aligeirados e as bibliografias são atualizadas. Os coordenadores se preocupam com

a estratégia de ensino que os professores formadores utilizam. Para os professores de língua portuguesa, a capacitação é oferecida através de cursos, como formação continuada, fundamentação dos conteúdos aplicados em sala de aula e, também, dos docentes são propostas atividades de vivências, a fim de melhorar a reflexão sobre os conteúdos fundamentais de sua prática docente (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

VI. PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) – considerando a expansão dos estudos linguísticos foi criado um documento democratizado e pertinente para o uso no ensino público e privado do Brasil, que possui a função de orientar os educadores, por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais respectivos a cada disciplina. Afirma-se que a língua portuguesa, também chamada língua materna, deve despertar o desenvolvimento cognitivo dos alunos e pressupor, ainda no Ensino Médio, o que é a linguagem verbal (MURRIE, 2000).

VII. PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) – é uma iniciativa da CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Ministério da Educação), com o intuito de visar o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica, por meio da concessão de bolsas a alunos de licenciatura que participam de projetos de iniciação a docência oferecidos por IES, em parceria com as escolas públicas municipais e estaduais (CAPES).

Há uma crise na formação de professores para a educação básica tal como oferecida pelos Institutos de Ensino Superior, por conta das iniciativas para ampliar o número de matrículas e sua permanência. As gestões educacionais e as universidades não propõem resolução eficiente para o problema; deveriam focar na estrutura institucional e a distribuição dos conteúdos curriculares, porém, as políticas de formação possuem diversas lacunas. Entre elas, podemos citar o estágio do professor-alunos, pois é realizado em cumprimento de uma formalidade, sem um caráter formado em novas atitudes didáticas, o que não o prepara efetivamente para atuar em sala de aula (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

A docência deve ser atualizada a fim de que o professor de língua portuguesa esteja preparado para o trabalho com as múltiplas linguagens, as práticas sociais, as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e a aquisição dos letramentos. A formação dos professores não pode ser pensada apenas com base nas ciências e nos

seus campos disciplinares, mas precisa ser pensada e realizada com base na função social própria à educação básica e aos processos de escolarização. É necessário possuir uma base em seu campo de prática, com seus saberes, integrando-os com conhecimentos necessários, em seus fundamentos e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por o trabalho ser voltado ao aprendizado de adolescentes (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011; RODRIGUES, HENTZ, 2011; JÚNIOR, 2017).

Muitos dos profissionais que formam professores respondem pela formação sem experiência em cursos de licenciatura, desconhecem a realidade escolar e, às vezes, têm dificuldade para perceber a diferença entre ensinar adolescentes e ensinar professores já formados. Já nas licenciaturas deparamos-nos com outros problemas como: o não estabelecimento entre as competências que se espera que o professor-aluno desenvolva e as disciplinas oferecidas no curso e a sobrecarga de conteúdo nas disciplinas específicas da licenciatura, em detrimento dos conteúdos pedagógicos, que acabam dificultando a permanência do professor no curso (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Além disso, existe uma fragilidade nos cursos que possuem uma estrutura com fortes características de bacharelado, e não de licenciatura, pois os profissionais que optarem pela docência deveriam cursar, no âmbito dos professores de língua portuguesa, o curso de letras, e também as disciplinas pedagógicas para que possam adotar métodos apropriados para o trabalho em sala de aula. As disciplinas do ciclo básico, que são cursadas no primeiro ano do curso, não possuem referência às disciplinas ligadas à licenciatura oferecidas pela Faculdade de Letras. (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011; RODRIGUES, HENTZ, 2011).

5.3.2 Processos de Formação Continuada

O Estado, buscando contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento do trabalho docente, possui algumas iniciativas que - apesar de receber várias reclamações sobre sua organização e disponibilização - auxiliam e muito no dia a dia do professor. Entre essas iniciativas, destacam-se três: o apoio didático-pedagógico, a disponibilidade de recursos materiais e o estabelecimento de parcerias (GATTI, BARRETO, ANDRÉ, 2011).

Os processos de formação continuada são outra forma essencial de apoio ao trabalho docente. Porém, vale destacar que o simples apoio não faz a educação ser de qualidade, é necessário que seja uma ferramenta para estimular o crescimento profissional. A formação continuada, na visão de Imbernón (2009), deve “fomentar o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional do professorado, potencializando um trabalho colaborativo para mudar a prática”. Embora esse tipo de formação seja essencial para um crescimento profissional.

Outro aspecto argumentado pelo filósofo são as circunstâncias do ambiente de trabalho, que devem mudar tanto quanto o docente e os funcionários do ambiente. É indicado que a formação continuada impulse a formação com autossuficiência; fundamente-se na dinâmica da escola; ajude o professor a se atentar não somente na teoria de lecionar, mas também na prática e facilite o diálogo entre a docência, por meio de uma comunidade de aprendizagem. Dessa forma, a formação docente será mais focada em dinâmicas que trazem ao professor uma participação mais ativa, na qual ele pode relacionar a teoria com a prática, dando-lhe uma maior experiência e preparação para a sala de aula (IMBERNÓN, 2009). Mas, além disso, é importante considerar elementos como salário, prestígio social, carreira bem estruturada e ambiente de trabalho. Ou seja, a formação continuada, apesar de ser fundamental, não é o único quesito para um crescimento profissional de qualidade (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011).

As secretarias de Educação oferecem diferentes formas de ações de formação continuada e, geralmente, são por meio de oficinas, palestras e cursos. Numa escala estadual, as secretarias têm órgãos responsáveis pela formação continuada, sendo tanto uma coordenadoria quanto uma gerência, um núcleo ou um centro de formação. Já nas secretarias municipais, elas mesmas estabelecem as atividades de formação (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011).

Atualmente, a base da formação continuada é voltada para o crescimento curricular, demonstrando um crescimento na idéia de formação continuada, em que a meta é a realização do cronograma curricular. A Língua Portuguesa é uma das principais disciplinas trabalhadas, devido à sua grande importância tanto no qual se refere à base curricular quanto nas avaliações externas (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011). Mas existem outros dados que influenciam o rumo da formação continuada, como Gatti, Barreto e André constataam:

Outro referencial importante no direcionamento das ações formativas são os resultados das avaliações de larga escala, tanto as do governo federal quanto as de âmbito estadual e local. As secretarias informaram que analisam os resultados de desempenho dos alunos nas avaliações externas e organizam ações formativas para sanar as dificuldades (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011, p. 200).

Já a respeito das solicitações sobre o sistema formativo, vários docentes requisitam um aumento nas atividades voltadas à prática, no intuito de aumentar sua experiência para a sala de aula. As secretarias de Educação realizam pesquisas com os professores para coletar esses dados sobre as necessidades institucionais, geralmente na própria escola (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011).

Também muito importantes são os formadores, que podem ser supervisores da rede, professores de associações parceiras, profissionais da Secretaria de Educação, profissionais dos sistemas apostilados e profissionais de escolas privadas (GATTI, BARRETO e ANDRÉ, 2011).

Ainda de acordo com Gatti, Barreto e André (2011), embora haja concordância quanto ao valor da participação e observação da eficiência das ações de formação continuada, é relatada uma dificuldade na realização destas, em que sempre se torna possível implementá-las. Outra observação foram os obstáculos das secretarias na realização das ações formativas, as poucas comunicações geralmente são referentes ao tempo, ao qual nem todos podem disponibilizar. Porém, mesmo com todas as dificuldades que aparecem no cotidiano do professor, cada vez mais se torna crucial que haja uma maior valorização ao trabalho docente.

5.4 Secretaria de Estado da Educação

A atual Secretária de Educação já foi chamada de diversas formas, inclusive de Gerência Regional de Educação, e vem desempenhando várias tarefas ao longo dos anos. Em 1834, passou a ser chamada, em Santa Catarina, de Assembléia Provincial, que tinha como uma de suas tarefas, legislar sobre a instituição pública do ensino primário e secundário.

Ao longo das décadas, mudanças ocorreram em seu nome, função e composição; no entanto, foi apenas em 1958 que foi criada a Secretaria de Educação

e Cultura, que com uma nova estrutura, adquiriu mais autonomia, assim como liberdade para administrar e orientar o ensino público no estado.

Contudo, foi apenas em 1979 que denominou-se a instituição como Secretária de Educação; posteriormente com poucas mudanças, em 2007 a Secretaria de Educação oficializou seu nome, tornando-se a SED.

A abrangência da SED cobre todo o estado de Santa Catarina, instalando-se em: Florianópolis, sendo a coordenadoria regional; Araranguá; Blumenau; Brusque; Timbó; Campos Novos; Chapecó; Concórdia; Seara; Criciúma; Curitibanos; Itajaí; Jaraguá do Sul, entre outras, em que são responsáveis por uma microrregião, que devem administrar. Por exemplo a SED que situa-se em Jaraguá do Sul, é também responsável por Corupá, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Massaranduba e Schroeder.

Espalha-se por todo o território catarinense, sendo responsável pela formulação, controle e avaliação das políticas educacionais, bem como pela coordenação das atividades, ações, programas e projetos da educação básica, profissional e superior em Santa Catarina. Sendo assim é responsável pela administração e orientação do ensino público no Estado, compartilhando essa responsabilidade com o Conselho Estadual de Educação, na forma da legislação em vigor (SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2018, n.p).

Com todas as suas mudanças ao longo do tempo, a SED também mudou sua forma de administração, assim como seus objetivos e metas.

A Secretaria de Estado da Educação tem como metas: garantir o acesso e a permanência dos alunos na educação básica de qualidade no Estado; coordenar a elaboração de programas de educação superior para o desenvolvimento regional; definir as políticas educacionais; implementar a atualização da Proposta Curricular de Santa Catarina; estabelecer políticas e diretrizes para a expansão de novas estruturas físicas, reformas e manutenção das escolas da rede pública estadual; firmar acordos de cooperação e convênios com instituições nacionais e internacionais para o desenvolvimento de projetos e programas educacionais; entre outras (SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2018, n.p).

Assim, não houve, desde 2007, grandes mudanças na instituição, apenas adequações. A SED, hoje, é responsável por todas as escolas públicas estaduais no Estado de Santa Catarina.

6 METODOLOGIA

Com a finalização da fundamentação teórica, a base da nossa pesquisa, explicamos, nesta seção, como obtemos as respostas para o nosso problema e alcançamos os objetivos propostos com a metodologia utilizada, indicando o modo como coletamos e em seguida, apresentamos os dados de nossa pesquisa. Desse modo, utilizamos a história oral com o objetivo de descobrir a perspectiva dos professores em relação a sua formação, obtendo diferentes pontos de vista para assim conseguirmos uma visão mais ampla da nossa questão problema.

Segundo Delgado (2003), a história oral consiste em obter informações por meio de narrativas. O objetivo é ganhar toda a atenção do ouvinte, despertando nele desejo ou até mesmo comoção pelas experiências vividas pelo falante.

Janotti (2011) afirma que tudo que for dito pelo entrevistado dependerá da situação em que a entrevista se passa, e também das ações de seu interlocutor. Além disso, pela linguagem oral ser diferente da escrita, o texto da entrevista transcrita costuma ser menos formal. Durante a entrevista o pesquisador deve ficar atento aos acontecimentos do passado narrados, pois trazem um sentido às experiências do entrevistado.

Delgado (2003) complementa que, ao decorrer da história, é necessário que o interlocutor tenha as seguintes habilidades: estímulo ao narrar, ato de contar, relembrar e disponibilidade para escutar. E após a entrevista deve trazer ao seu enredo suas lembranças, registros, observações, análises, emoções, reflexões e testemunhos.

Um pesquisador não deve se deixar enganar pela ideia de que o que foi relatado é totalmente verdade, de fato, Goff (2011) afirma que todo documento é uma mentira, uma construção de uma imagem que se quer passar. Mas isso não quer dizer que um relato não merece seu crédito, pois continua sendo um importante depoimento a respeito do assunto a ser pesquisado. Apenas deve haver uma atenção quanto à análise dos dados obtidos, evitando, assim, o uso de informações enganosas (PINSKY, BACELLAR, GRESPAN *et al*, 2011).

Não se pode esquecer que, contanto que seja relevante, tudo o que o entrevistado disser é um informe muito importante e o pesquisador deve estar disposto a ouvir e tomar nota do que for dito, independentemente do que pensa ou espera que o locutor diga. Porém, o historiador José Miguel Arias Neto (2003) cita que deve haver

uma preocupação quanto à objetividade do relato, evitando desvios do foco (PINSKY, BACELLAR, GRESPAN *et al*, 2011).

É necessária uma cautela com "exageros" por parte do entrevistado, lembrando que certas expressões são insubstituíveis na tarefa de manter a ideia original do relato, sendo que, em discursos sentimentalistas, certas falas podem ser citadas, contanto que se faça a contextualização (PINSKY, BACELLAR, GRESPAN *et al*, 2011).

Outra parte vital, é realizar a análise a entrevista no contexto em que está inserida e em todos os aspectos, buscando comparar os mesmos dados sobre diferentes ângulos e entendendo onde tudo se encaixa, pois isso facilitará o entendimento em suma do evento registrado (PINSKY, BACELLAR, GRESPAN *et al*, 2011).

Então, com os dados em mãos, há a possibilidade de uma análise dedutiva, em que os dados que "se repetem" podem ser usados para fazer uma generalização do grupo, enquanto ocorre a dedução da situação em outros contextos e como isso afetaria o resultado final. E por fim, pensando nas fontes primárias e secundárias, é feito o questionamento: minha pesquisa confirmou deduções já feitas ou não? Como os resultados obtidos irão afetar o projeto? (PINSKY, BACELLAR, GRESPAN *et al*, 2011).

Dentro da história oral existem dois tipos de entrevista: a entrevista temática que se interessa pela participação do entrevistado no assunto que está sendo estudado, e a história de vida, na qual o enfoque está no indivíduo, desde sua infância até o momento presente. Em ambos é priorizado sua vivência e experiência (JANOTTI, 2011).

Utilizamos a entrevista temática, por ser a mais adequada, considerando nosso objetivo de contemplar somente a carreira profissional do docente, em um período específico. Inicialmente, foi realizada uma entrevista piloto, a fim de encontrarmos possíveis adversidades na metodologia utilizada e realizarmos os ajustes necessários.

Selecionamos três professores, de escolas distintas, para que possamos obter uma visão ampla, partindo de diferentes vivências, opiniões, ideias e perfis diversificados, além disso, também poderia haver repetição entre as respostas entrevistas, possibilitando uma generalização dos pontos em comum, os entrevistados deveriam possuir no mínimo 5 anos de experiência, a fim de que tenham condições de avaliar tanto a sua formação inicial quanto às suas experiências. Documentamos

as respostas através de um áudio e, a partir deste, transcrevemos. A baixo apresentamos a descrição de cada um dos professores entrevistados, com nomes fictícios, para preservar a imagem dos mesmos.

ENTREVISTADO(A) 1

Formado(a) em Letras (Língua Portuguesa e Inglesa) nasceu em Corupá e possui 51 anos de idade. Lecionou em escolas públicas e privadas e aposentou-se em 2018, depois de lecionar por 32 anos e ter uma breve experiência de gestão.

ENTREVISTADO(A) 2

Formou-se em Língua Portuguesa e Literatura, tem 27 anos, nasceu no interior de Atalanta, SC, até hoje trabalhou em 8 escolas públicas e privadas. Começou a trabalhar como docente fazendo uma substituição numa escola municipal de Agrolândia, com 18 anos.

ENTREVISTADO(A) 3

Natural de Guaramirim, morou muito tempo na cidade de Criciúma onde se formou, é divorciado(a) e trabalha na escola São Pedro há 8 anos, já lecionou em outras escolas, mas, no momento, está só na citada acima.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar as entrevistas, concluímos com base nas respostas obtidas, se nossas hipóteses foram refutadas ou corroboradas.

- Durante sua formação inicial, houve alguns aspectos que não contemplaram os interesses dos professores;
 - ENTREVISTADO 1: Corroborando a hipótese, o entrevistado afirmou que em determinado momento na sua formação inicial, houve expectativas não alcançadas. De acordo com o fragmento “ [...] tirando o latim, que foi uma

decepção, uma coisa que eu senti falta na época é que não tinha professor me orientando aqui *in loco* no meu trabalho (o entrevistado se refere ao seu estágio). Uma matéria que se chamava Estrutura e funcionamento do segundo grau. Foi ministrado de uma maneira muito superficial [...]”;

- ENTREVISTADO 2: Confirmando a hipótese, o entrevistado cita “O negativo da minha formação é por que ela é (sic) de ensino a distância [...] Muitas vezes se perdia (sic) muitas coisas”;
- ENTREVISTADO 3: Refutando a hipótese, o entrevistado diz que não houve aspectos negativos em sua formação “Na minha formação? Não vejo nada negativo”.
 - Com base nos fragmentos e hipótese acima, concluímos que a hipótese foi consolidada pela maioria dos entrevistados.
- Os professores se sentem devidamente preparados com a sua formação acadêmica;
 - ENTREVISTADO 1: validando a hipótese, o entrevistado afirma: “Muito preparada, muito bem preparada. Porque assim, o tempo inteirinho que eu cursei o meu ensino superior, eu já estava em sala de aula”;
 - ENTREVISTADO 2: Afirmando a hipótese parcialmente, o entrevistado afirma: “A graduação pessoais (sic) e profissionais alcançaram minhas expectativas, apesar de ter deixado muito a desejar.”
 - ENTREVISTADO 3: O entrevistado corrobora parcialmente com a hipótese, segundo o fragmento: “Na teoria sim, na prática não. [...] Só que tu aprende a teoria, nenhuma faculdade te ensina a dar aula, te ensina a prática”.
 - Segundo os fragmentos, os entrevistados validam a hipótese citada;
- Na percepção dos professores, há incentivo para a sua formação continuada;
 - ENTREVISTADO 1: O entrevistado confirma a hipótese, pois segundo o mesmo: “Eu pude fazer [...] a minha especialização através da UDESC, e isso foi ofertado através do Governo do Estado” (incentivo por parte do Estado);
 - ENTREVISTADO 2: O entrevistado corrobora a hipótese: “Já fui em muitas capacitações, em muita formação continuada [...]” (Alento por parte do entrevistado);

- ENTREVISTADO 3: O professor refuta a hipótese, segundo o mesmo: “São muito ruins, os cursos oferecidos pelo governo, [...] agora nos últimos anos mesmo tá (sic) terrível os cursos de formação continuada, a gente não escolhe, ele vem pronto”.
 - Dessa forma, conclui-se que os entrevistados foram incentivados a prosseguir sua formação, no entanto, o incentivo surgiu além do Estado.
- Na percepção dos professores, a formação continuada contempla os seus interesses;
 - ENTREVISTADO 1: O entrevistado confirma a hipótese: “pelo MEC teve um curso em Caçador que foi maravilhoso que vai marcar pra sempre a minha vida”;
 - ENTREVISTADO 2: O docente corrobora com a hipótese, segundo o fragmento: “Eu fui em uma formação continuada na Anhanguera [...] ela trouxe projetos diferentes e aquilo estimulou os professores, então a formação ela (sic) é válida”;
 - ENTREVISTADO 3: A hipótese, de acordo com o entrevistado, não foi confirmada: “Na faculdade eu fiz muitos cursos, por que [...] tinha que ter um número ‘x’ de horas de cursos extracurriculares [...] eram muito mais proveitosos que os cursos de formação continuada de hoje”.
 - De maneira geral, dois entrevistados confirmaram a hipótese, enquanto um deles, afirma que de fato foram feitos cursos de formação continuada, contudo, estes foram realizados durante sua formação inicial.

8 CONCLUSÃO

A influência do professor é de enorme relevância na formação dos discentes, sendo um desafio que milhares de pessoas vivenciam diariamente. Em nossa pesquisa, tivemos o intuito de explorar como os docentes da área de língua portuguesa de Ensino Médio das escolas da 24ª Secretaria do Estado da Educação depreende de suas formações iniciais e continuadas.

Através de nossa pesquisa bibliográfica, foram evidenciados alguns aspectos a respeito da evolução da escola e do processo de educação, das convicções sobre a docência e a prática do ensino e sobre a instrução dos professores ao longo de sua carreira.

Ao analisarmos as entrevistas, percebemos com relação às hipóteses, que a primeira hipótese foi confirmada por dois entrevistados, enquanto o terceiro a negou; já a segunda hipótese foi corroborada por todos os interrogados; enquanto na terceira hipótese, constatou-se que, para os três docentes, houve o estímulo a fim de que continuassem sua formação, porém esse estímulo não dependeu do Estado; ao passo que, na última hipótese, dois entrevistados confirmaram a questão, já um deles relatou que, apesar de ter feito vários cursos de formação continuada, os mesmos se passaram no decorrer de sua formação inicial.

Ademais, constatamos que os três educadores concordam que aprofundar os conhecimentos, tanto na área de atuação quanto na vida, é algo essencial. Com relação às leituras a que se teve acesso durante a formação inicial, todos os entrevistados afirmam ter tido muitas obras e em boa variedade para sua leitura, apesar de não terem tempo em suficiência para que pudessem estar à par de todas.

No tocante à metodologias de ensino, pode-se destacar que um dos professores relatou ter tido muita dificuldade e frustração com uma matéria de sua formação inicial, por conta de um docente com técnicas desatualizadas e sem uma dinâmica diversificada; para mais, os dois formadores que declararam estar lecionando antes de completar sua formação inicial alegaram que a experiência foi positiva, uma vez que todos os entrevistados concordam que a prática é a melhor maneira de se preparar para as atividades docentes. Também, todos os questionados informaram ter tido inspiração em algum professor, no qual tiveram contato enquanto discentes; outrossim, dois interrogados também alegam aprender muito com os alunos, podendo-se citar no quesito de conteúdo, mas essencialmente sobre como melhorar como pessoa.

Em relação ao auxílio por parte do governo, dois docentes alegam não ter tido bolsa, entre estes um justifica com a falta de informação que se dispunha na época, o terceiro docente diz ter começado pagando, mas que ganhou bolsa quando começou a trabalhar na faculdade. Sobre os cursos de formação continuada, nenhum dos professores participou da escolha dos temas dos cursos, um deles afirmou que a

possibilidade de fazer alguma sugestão é singular e a probabilidade dessa sugestão ser adotada é ainda menor. Quanto à tecnologia, a maioria dos entrevistados encontrou dificuldade no seu manuseio, apesar dos cursos feitos; e os três afirmam que a aprendizagem dependeu, quase que unicamente, do esforço pessoal.

Todos os educadores concordam que a questão da infraestrutura das escolas é um fator que limita muito o trabalho, porém, apenas um docente se queixou em relação à falta ou limitação tecnológica, enquanto os outros se manifestaram também no tocante à própria sala de aula e às instalações escolares, alegando serem restritivas.

É sabido o valor dos formadores na vida acadêmica dos estudantes, bem como o peso dos aspectos de sua formação inicial e continuada no processo de evolução didática e profissional dos docentes. Considerar a visão que os educadores possuem a respeito de seu ensino é importante para que, em conjunto, se possa aperfeiçoar cada vez mais o sistema de educação amplamente difundido em todo o país; são extremamente importantes as recomendações daqueles que tiveram contato direto com os entraves da faculdade, e as condições de instruções disponibilizadas melhoraram muito as condições de aprendizado oferecidas, beneficiando todo o conjunto de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

ARIAS NETO, J. M. . **João Cândido 1910-1968: Arqueologia de um Depoimento sobre a Revolta dos Marinheiros**. História Oral (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 159-185, 2003.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA PROVINCIAL. ATO Nº 10, DE 10 DE ABRIL DE 1835. **Decreto de Criação da Escola Normal**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.infoiepic.xpg.com.br/hist_ato10.htm>. Acesso em: 08 jun. de 2018.

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de. **Ensino de língua portuguesa: da formação do professor à sala de aula**. Natal- RN, p.261, 2012.

BERTOLDO, Ernesto Sérgio. **Política de formação de professores de língua e seu impacto no sujeito-professor**. 2017. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscursos/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/ErnestoSergioBertoldo.pdf>>. Acesso em: 07 de nov. de 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional**. – Brasília : Senado Federal, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio:** linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, secretaria da educação básica, 2006.

CAPES. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 24 de out. de 2018.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa:** tempo, memória e identidades. 2003, p. 9 - 25.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas.** 8. ed. São Paulo: Ática, 1999. 319 p.

GATTI, B; BARRETO, E; ANDRÉ, M. **Políticas Docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: Unesco, 2011.

IMBERNÓN, F. **Formação Permanente do Professorado: Novas Tendências.** São Paulo: Cortez Editora, 2009.

_____. **La Profesión Docente desde el Punto de Vista Internacional: que dicen los informes?** Revista de Educación, n. 340, p. 41-49, 2006.

JÚNIOR, Silvio Nunes da Silva. **A identidade e a formação do professor de português: questões de linguagem, percepção de ensino e letramento digital.** Blumenau, v. 11, n. 1, p. 340-356, 2017.

MURRIE, Zuleika Felice. **Parâmetro Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Parte II, Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias.** 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 04 de nov. de 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, 1998. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI.

PERDIGÃO, D. M. et al. **Teoria e Prática da Pesquisa Aplicada.** Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 473.

PETRONI, Maria Rosa, JUSTINO, Agameton Ramsés, MELO, Edsônia de Souza Oliveira. **Ainda sobre a formação do professor de língua portuguesa no Brasil.** NO. 19, PP. 28-37, 2011.

PINSKY, C. B. *et al.* **Fontes Históricas.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

RODRIGUES, Nara Caetano, HENTZ, Maria Izabel de Bortoli. **Desafio da formação de professores de língua portuguesa: a relação entre os saberes disciplinares e os saberes da prática.** Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 55-73, 2011.

SAVIANI, D. **Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no Contexto Brasileiro.** RBE – Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, p. 143-155, 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **GERED/Unidades de Atendimento/Coordenadoria Regional da Grande Florianópolis**. Florianópolis, SC. [s.d.] Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/gerencias-regionais-de-educacao>>. Acesso em 16 de nov. 2018.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Histórico**. Florianópolis, SC. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/historico>>. Acesso em 13 de nov. 2018.

SENADO FEDERAL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. p. 58.

SOARES, M. **Português na escola história de uma disciplina curricular**. In: BAGNO, M. *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 155-177.

TANURI, L. M. **História da formação de professores**. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 2006.

APÊNDICES:

ENTREVISTA 1

Entrevistador: Primeiramente, fale um pouco sobre você.

Entrevistado: eu? eu, entrevistado(a) 1, tenho cinquenta e um anos, completei trinta e dois anos de carreira no magistério, cursei letras português-inglês e suas devidas literaturas dedicadas tanto ao Ensino Médio quanto ao fundamental em Blumenau e desde muito cedo eu tive o sonho de ser professora... Eu tenho duas filhas: uma de vinte e seis e outra de quase vinte e dois anos. Na verdade família pra mim é uma palavra muito forte, eu acho que representa muito do que é a minha felicidade... Eu uma pessoa atualmente separada, solteira, mas não sozinha... Nunca me sinto assim porque eu tenho muitos e muitas amigas, uma família enorme que eu não consigo visitar não dou conta de visitar todos e tenho muitos afazeres, mesmo em processo de aposentadoria pertencendo a um monte de trabalhos voluntários como os conselho de educação, o conselho do FUNDEB e apoio os trabalhos da minha irmã que ela faz também, então.. uma pessoa sempre bastante ocupada!

Entrevistador: Isso é bom.

Entrevistado: Isso me mantém viva.

Entrevistador: Sobre a sua formação inicial, onde e quando formou-se? Quanto tempo durou e por que escolheu essa área?

Entrevistado: Você fala do meu ensino superior?

Entrevistador: Exato.

Entrevistado: Então, o meu ensino superior, eu fiz letras, eu já relatei antes, português e inglês, em Blumenau, por que eu escolhi?, a minha paixão sempre foi ensinar, com oito anos de idade eu já tinha um guarda-pó e já dava aula para as minhas bonecas. E por que eu escolhi letras?, também porque eu sempre tive muita habilidade, modéstia a parte, em me expressar, e eu achei que nessa faculdade eu ia encontrar um complemento para aquilo que já era natural meu, e em Blumenau porque eu não queria sair do conforto da minha casa. Porque na época os meus pais ofereceram pra eu fazer essa faculdade em São Paulo, se não me falha a memória, que tinha a melhor faculdade de letras do país na época, mas eu nunca quis sair de casa.

entrevistador: Morava em Blumenau então?

Entrevistado: não, eu ia e voltava todos os dias, e já trabalhava em sala de aula, já era professora durante todo o tempo da minha faculdade.

entrevistador: isso acontecia bastante.. até na entrevista piloto, a mulher até relatou isso também

Entrevistado: Do que?

Entrevistador: Que ela trabalhava enquanto cursava. O nome da... Qual o nome da faculdade?

Entrevistado: É a FURB

Entrevistador: E quanto tempo durou?

Entrevistado: Quatro anos né? É, quatro anos. Tinha só um homem na turma.

Entrevistador: O Josué. Que tipo de leituras você teve acesso nesse período?

Entrevistado: Humm... muita literatura, tanto da literatura portuguesa, os clássicos né? E a literatura brasileira e também a literatura inglesa. Nós tínhamos que ler e fazíamos debates e trabalhos e era muita leitura.

[interrupção]

Entrevistador: Pode ir. Então você teve muitas... continuando.

Entrevistado: Tá, mas vocês querem que eu especifique títulos...

Entrevistador: não, só... se quiser também. Quais foram as leituras? Só isso. Então você afirma que foram de literatura...

Entrevistado: Sim, os clássicos, e também teve claro, literaturas ali paralelas... me lembro ali que na matéria de psicologia aplicada as faixas etárias, vários livros de psicologia. E o que me encantou na faculdade inteira sempre foi a área da linguística. eu me lembro do primeiro livro que eu li: "Para entender Saussure", Saussure é um dos linguistas mais famosos né? E eu adorava e tenho até hoje esse livro, e eu me encantei a tal ponto que se eu tivesse me aprofundado em um mestrado, na área de línguas, eu teria feito na área de linguística aplicada

Entrevistador: Legal. E como você avalia essas leituras e literaturas?

Entrevistado: Pois é. As literaturas, leituras, elas sempre são respaldo pra aquilo tudo que você vai ter como conhecimento né? É... eu avalio assim, elas são na verdade o que você tem que ter para fundamentar o teu conhecimento, a sua prática, é... porque o conhecimento se divide em teoria e prática e eles não podem ser dissociados, então quando falam em literatura pra mim, a parte teórica que alguns consideram chato, enfadonho, mas que é necessário porque senão o conhecimento não é científico. Eu

acho que... Ai, como é que eu vou dizer... Muito proveitoso, necessário também, embora teve momentos ali também que alguns, eu me lembro assim, que alguns clássicos que eu, eu, considerava extremamente chatos pra se ler. Sabe? não vou dizer aqui porque eu não sou apaixonada pela literatura, eu sou apaixonada pela arte de ensinar, mas é que havia a necessidade de eu ter esse conhecimento pra eu ir pra sala de aula e ensinar. Conhecimento, propriedade.

Entrevistador: O que mais agregou durante a formação inicial, que lhe preparou para a sala de aula? e se foi algo negativo, você teve algum tipo de bolsa ou incentivo do governo?

Primeiro, vamos por partes, O que mais agregou durante a formação inicial, que lhe preparou para a sala de aula?

Entrevistado: O que eu mais aproveitei da faculdade que eu pude colocar em prática?

Entrevistador: Exato. O que você absorveu que te ajudou, que te preparou para a sala de aula, para enfrentar a sala de aula né?

Entrevistado: É... A prática de ensino, que eram disciplinas que nós tínhamos em nível num e dois e a linguística. eu acho que a linguística sempre foi o que norteou o meu trabalho, porque a linguística faz você ver que o ensino da língua e respeitar o que o falante traz da sua vida porque todo falante quando ele se torna um aluno formalmente, dito assim né?, ele já vem com as sua bagagem. A sua vida até os seis anos já definiu a ele o que ele fala, do jeito que ele fala, o meio, o social dele. Então assim, a linguística pra mim sempre o norte, pra entender que cada aluno é um, é único e que ele tem toda a sua carga, vamos dizer assim de conhecimento, a sua bagagem, e que isso é do sociocultural dele, que eu jamais vou poder exigir de maneira igual de todos os alunos, e isso a linguística ensina, apregoa, bem dizendo.

Entrevistador: Teve algo negativo nessa sua formação?

Entrevistado: Teve! Eu até hoje carrego em mim uma frustração enorme de não ter aprendido latim como eu gostaria de ter aprendido. Porque se tivesse tido um professor, ou não sei se é o professor ou a metodologia que ele usava, ele era o professor mais antigo da faculdade, sim, ele era bem bem, bem de idade, mas isso também não quer dizer. Porque tem pessoas que tem idade mas se renovam e eu não conseguia aprender latim. Tanto que depois que eu me formei eu chegava e assim: um dia eu vou achar uma faculdade onde tenha um professor de latim que vai me

encantar e eu vou lá cursar esse latim pra poder aprender como eu quero porque eu não consegui aprender.

Ele pegava um livro amarelado, com anotações de décadas e ficava falando a aula inteira com aquele livro na mão e a gente não entendia basicamente, nada!

Entrevistador: Todos da sala?

Entrevistado: Todos boiavam da mesma forma.

Entrevistador: Eu não sabia que durante a formação tinha essa parte de latim

Entrevistado: É o latim porque é a língua mãe da língua portuguesa

Entrevistador: Teve algum tipo de bolsa? Ou de ajuda pela parte do estado?

Entrevistado: Eu tinha uma bolsa lá escrita FURB...

Entrevistador: Uma bolsa de incentivo...

Entrevistado: não, a faculdade toda foi paga pelos meus pais

Entrevistador: Quais foram as principais metodologias que os seus professores utilizavam para lecionar?

Entrevistado: Ensino Superior?

Entrevistador: Sim, sempre...

Entrevistado: hum... as metodologias... Lembro que na área de língua inglesa nós tínhamos um laboratório de línguas, muito interessante: a gente gravava as falas e depois ouvia e corrigia. Eu sei que hoje isso é um método considerado arcaico mas na época era algo inovador.

Me lembro de uma professora, Yolanda, ela era professora da língua portuguesa e ela era uma pessoa assim, a aula dela passava muito rápido porque ela tinha um conhecimento assim que fluía, ela não precisava se esforçar para explicar as coisas e aí você pergunta em metodologia... Eu não vou lembrar agora qual era a metodologia dela mas o que me chamava a atenção era o amor que ela tinha ao lecionar... To tentando me lembrar de uma disciplina que nós tivemos em um semestre inteiro... agora eu não to lembrando o nome... semântica! Meu deus! Aprender semântica com ela... ela dava textos pra gente e ela fazia com que nós descobríssemos no texto coisas que jamais... Mas ela orientava muito bem, então duas coisas que me chamaram atenção eram: as aulas no laboratório, né? para aprender inglês, daquela forma, a fala; e essas aulas de semântica e de língua portuguesa que ela também trabalhou conosco. não tanto pela metodologia em si mas

eu acho que a gente se encanta quando um professor passa isso pra nós, isso é contagiante, quando ele passa uma coisa positiva, quando ele quer que você aprenda.

Entrevistador: Eu sei que tu já falou que não se recorda muito bem das metodologias, mas essa pergunta depois no arquivo pode ser até associada, com a transcrição e tal. Mas houve alguma metodologia... Qual metodologia mais lhe auxiliou e lhe inspirou para lecionar em sala? Se teve alguma no caso.

Entrevistado: No ensino superior?

Entrevistador: Sim. Tu viu um professor lá explicando e pensou: “Ah, essa aqui eu achei interessante e vou isso”

Entrevistado: não pela metodologia, mas pela pessoa, a professora Yolanda.

Entrevistador: Houve alguma inspiração partida de algum professor?

Entrevistado: Como assim?

Entrevistador: Tu se inspirou em algum professor?

Entrevistado: Lá no início da minha vida ou ainda no superior?

Entrevistador: Sempre no superior.

Entrevistado: Porque eu tive uma professora que eu me inspirei mas era do fundamental

Entrevistador: Na parte da formação inicial, tu viu algum professor que tu pensou: “Nossa esse cara é ou essa moça é...”, tipo, vou levar essas coisas para a sala de aula. Teve algum?

Entrevistado: Essa Yolanda

Entrevistador: Essa Yolanda.

Entrevistado: Com “Y”

Entrevistador: Perfeito.

Entrevistador: Como foi o seu estágio? Quanto tempo durou? O que agregou na sua formação?

Entrevistado: O meu estágio foi bem atípico, pelo fato da minha faculdade ser em Blumenau e eu morar em Corupá, pra não precisar me deslocar pra fazer o estágio em uma escola lá da região, eles ofereceram uma alternativa, a alternativa foi desenvolver um projeto, tanto na área da língua inglesa quanto da língua portuguesa. Eu trabalhei durante um bimestre inteiro em um projeto com português e um outro projeto com inglês, foi assim bastante desgastante, porque os outros que fizeram estágio lá, um período mais restrito né? E eu tive que fazer algo macro mas pra poder

ter credibilidade perante os professores. Uma coisa que eu senti falta na época é que não tinha professor me orientando aqui in loco no meu trabalho né? Eu fiz o projeto, mostrei pro meu professor orientador, apliquei, avaliei depois fiz o TCC, entreguei, mas os professores não se deslocaram para cá. Eu fui avaliada pelo professor de sala aqui na época né?

Entrevistador: Isso agregou alguma coisa na sua formação?

Entrevistado: Agregar sempre agrega né? Eu acho que principalmente assim, o que eu tenho uma lembrança é do estágio de língua inglesa que eu tive que trabalhar com o Ensino Médio vespertino, até que então eu não tinha trabalhado com Ensino Médio. E foi um desafio em todos os sentidos: pelo fato de ser Ensino Médio e pelo fato de ser um projeto, daí você é muito visado que quando você faz um projeto assim, os olhos da escola estão em cima de você enquanto estagiário. É como se você naquele momento tivesse que ser a perfeição, isso é normal, você sempre quer que um estagiário tenha uma... cem por cento... tem que ser o “the best”. E aquele estágio de inglês fez com que eu buscasse metodologias alternativas para trabalhar de diversas formas, e até hoje eu tenho pessoas que estudaram naquela turma: Professora Dulce, professora Janaína, a filha do Hermann Susenbach. São pessoas que eu encontro por aí e eles dizem “Nossa! Foi muito massa estudar com você naquela época”, porque claro, eu tava dando o máximo de mim né?

Entrevistador: A graduação alcançou às suas expectativas?

Entrevistado: Oitenta por cento sim.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistado: Tirando o latim, que foi uma decepção, e uma matéria que se chamava: estrutura e funcionamento do segundo grau, na época se chamava assim, hoje já é Ensino Médio. E não pela ementa da matéria, eu acho que a ementa era interessante, os assuntos a serem abordados eram interessantes, mas foi ministrado de uma maneira muito superficial sabe? Tipo leia e responda, responda e leia. Então são duas disciplinas assim, que eu queria poder fazer novamente. Claro que hoje eu não preciso mais né?, eu não preciso porque a estrutura e o funcionamento do Ensino Médio hoje é outra e eu já aprendi com a vida e o latim eu tive que me virar.

Entrevistador: O quão preparada você se sentiu ao final da sua formação universitária?

Entrevistado: Muito preparada, muito bem preparada. É... talvez Ayla, porque assim, o tempo inteirinho que eu cursei o meu ensino superior, eu já estava em sala de aula, então eu levava pra universidade todas as dúvidas que surgiam, todos os conflitos que eu vivenciava na escola e principalmente eu me lembro que dentro da sala, só tinha eu e outra moça que já trabalhávamos com alunos na na nossa disciplina, e nós éramos tidas assim como as mais críticas por quê? Porque muitas vezes que o professor tava lá falando, lá de cima sobre coisas que nós sabíamos que lá no chão da sala de aula não era daquela maneira, então eu pude vivenciar o confronto o tempo entre teoria e prática por isso que eu me senti tão preparada, porque eu sabia o que me esperava na escola, eu não fui assim, ah, uma utopia de uma escola cor de rosa, tudo maravilhoso, com florzinhas. Eu já sabia o que me aguardava.

Entrevistador: Quais cursos a instituição que você trabalha ou trabalhou lhe ofereceu? E como você os avalia?... Em relação à formação continuada.

Entrevistado: Hum, quer que eu busque a pasta?[risos] Bem, trinta e dois anos, vamos lá, é... vivi várias fases aí de formação continuada, infelizmente nos últimos tempos a, essa... oferta de formação, de cursos, principalmente presenciais tem sido escassa, né?, mas a gente viveu tempos bons, os tempos das vacas gordas, vamos falar assim. Nós tínhamos por exemplo uma época em que a Católica ainda se chamava FERJ, não era nem UNERJ, era lá no início da Católica, em que nós tínhamos grupos por área de interesse, e nós fazíamos cursos. Todo ano tinha lá no mínimo uma semana no primeiro semestre, uma semana ou uns dois ou três dias no segundo semestre e nós nos reunimos por área de trabalho e tinha alguém da instituição ou a instituição conseguia garantir um profissional da área para intermediar: discussões, trabalhos, aprofundamentos, era muito interessante... é... me lembro de Idebrando André, que uma vez veio fazer uma capacitação conosco e veio trabalhar técnicas de redação em grupo isso faz muito tempo. Eu tenho os livros e as páginas, elas estão amareladas, mas na época era algo inovador né? É... eu pude fazer, não sei se vai ser abordado depois mas eu pude fazer também a minha especialização através da UDESC, e isso foi ofertado através do Governo do estado né? E eu fiz a minha pós-graduação gratuita, semi-presencial. Mas na área de gestão, né? Também. E assim ó, tem inúmeros cursos, teve os quatro anos que eu me afastei em sala de aula e que daí eu exerci a função de secretária da educação, naqueles quatro anos eu fiz mais curso do que a minha vida inteira e aí eu tinha que tá presente em tudo que era...aí começou

também a questão da inclusão social, e dentro dessa proposta de inclusão eu participei de vários cursos em: Mafra, Caçador; pelo MEC teve um curso em Caçador que foi maravilhoso que vai marcar pra sempre a minha vida assim, enfim, nós podíamos ficar falando de cursos aqui...

Entrevistador: Até que ponto você participou da escolha dos temas dos cursos?

Entrevistado: Bem... alguns cursos eu frequentava se eram do meu interesse ou não. Mas a gente poder sugerir né? e isso ser acatado, é raro acontecer, infelizmente, não vamos aqui tapar o sol com a peneira mas as coisas vem de cima pra baixo. Agora vai ter um curso sobre: africanidade; vai lá o pessoal fazer, quem não quer não vai né?, não tem muito o que escolher não.

Entrevistador: Depois de graduada qual foi a primeira instituição que você lecionou?

Entrevistado: Você fala instituição Escola, o nome da escola?

Entrevistador: Isso

Entrevistado: Eu lecionava no São José e daí graduada já no Teresa Ramos, é, isso, e enquanto eu cursei foi no São José, mas como graduada aí eu já comecei no Teresa Ramos, mas não como concursada ainda.

Entrevistador: E como foi o primeiro contato com a escola?

Entrevistado: Na verdade eu já, tu diz assim..

Entrevistador: nos dois pontos, tanto antes de estar graduada como depois

Entrevistado: Eu na verdade não senti muita diferença, porque eu já desenvolvi o estágio ali, então assim, como eu já.. até por nós morarmos numa cidade pequena, eu acho que as coisas acabam se mesclando né, então eu já conhecia a equipe da gestão, já conhecia os colegas professores e eu acho, acredito que a partir do momento que tu chega graduado, tu tem um pouquinho mais de respeito por parte dos colegas de trabalho, dos iguais, dos professores. Mas em relação aos alunos é, não teve assim, muita diferença de tratamento ou de eu me sentir mais segura pelo fato de eu estar com um diploma em mãos. Eu acho que dos professores que são teus colegas que trabalham, isso é mais importante né do que pros alunos em si.

Entrevistador: Mas então o primeiro dia que você foi dar aula, como foi esse contato? Até onde você recorda o primeiro contato com os alunos, como que foi essa primeira vez que você foi dar aula ?

Entrevistado: Tá, mas assim a primeira vez que eu fui dar aula eu ainda não era habilitada

Entrevistador: Sim...mas em relação à primeira vez.

Entrevistado: A primeira vez?

Entrevistador: A primeira vez...

Entrevistado: Eu me lembro que eu passei um ano inteirinho lecionando Ensino Religioso para a primeira turma de Ensino Fundamental que teve no São José. Até então só tinha até a quarta série e daí começou o tal da quinta série que hoje é o sexto ano né. Aí eu passei um ano inteiro lecionando só essa matéria, mas eu nunca tive é.. como vou dizer.. nunca foi estranho para mim estar em sala de aula, porque parece-me que pelo fato de eu já lecionar para as bonecas, para as paredes e depois com treze anos eu fui catequista e com dezesseis já fui coordenadora de pastoral da catequese, então de maneira muito precoce essa interação com o público assim sabe, já aconteceu na minha vida. Eu não tive assim grandes dificuldades.

Entrevistador: Qual papel esse primeiro contato com os alunos exerceu na sua formação?

Entrevistado: É, esse primeiro contato no caso aquele primeiro ano que eu lecionei inclusive sem remuneração né, é.. foi assim só para eu ter realmente certeza de que era isso que eu queria, porque eu já vinha de outras formas ensaiando esse sonho né.. E quando eu cheguei em sala de aula, é a sala de aula assim pra mim é... sempre foi e eu acho que sempre será o momento mágico da minha vida. O que não me agrada e eu sei que a muitos professores não agrada são os bastidores, planejar aulas, corrigir prova, faz uma série de planejamentos e.. mas enfim, não tive problemas.

Entrevistador: Além dessa, em quantas outras instituições você lecionou? Além dessas duas que você acabou de falar.

Entrevistado: Em mais duas..

Entrevistador: Quais foram?

Entrevistado: No atual Bom Jesus que era o Divina Providência e o Marista de Jaraguá, por pouco tempo, mas foram essas outras escolas, experiências que eu tive.

Entrevistador: Comparando-as, quais dessas acrescentaram mais em sua formação? Por quê?

Entrevistado: Huum.. Eu vou ter que dizer que foi o Teresa Ramos né.. porque a escola que representa para mim quase o prolongamento do meu lar, pela quantidade de tempo que eu passei lá, nunca estudei lá, eu fui aluna do São José até a 4ª série, mas o Teresa Ramos para mim.. é algo assim muito forte na minha vida.. talvez pelo tempo né.. eu sou efetiva desde 90 lá né. Então são só 28 anos né.

Entrevistador: Você sente a necessidade de aprofundar os seus conhecimentos na sua área de atuação? Ou pelo menos sentia antes de se aposentar?

Entrevistado: É.. Isso é questão assim ó... é uma necessidade e é uma necessidade que vai te minando porque assim, ou você vai atrás do conhecimento, ou você vai patinar e não vai sair do lugar, porque o dinamismo da da da da das coisas, dos processos acontecem e você não pode ficar alheio a tudo isso, então eu sempre senti a necessidade de ir atrás se fosse com leituras ou então com é.. cursos ultimamente essa onda dos EAD da vida né.. mas a necessidade existe sim, e eu digo mais, quem não se aperfeiçoa, MORRE. A pessoa que não quer mais aprender, seja lá em que campo, ela para mim deixou de existir, porque o que move as pessoas é justamente aprender, aprender e a todo dia você tá aprendendo coisas e você aprende com o mundo, você aprende às vezes com as pessoas mais simples, você não precisa aprender só com intelectuais. Mas você precisa entender que o mundo é dinâmico e você não pode dizer: não! Agora eu sei já tudo, não tem mais nada que fazer curso, mais nada de estudar! Não, você tem, tanto que ontem (18) eu passei o dia inteiro em Florianópolis numa Formação dos Conselheiros Municipais de Educação.

Entrevistador: Como você se capacitou para usar a tecnologia em suas aulas?

Entrevistado: ISTO FOI CAÓTICO! Eu vou contar para vocês! Em 1999, eu assumi a direção da escola (Teresa Ramos) como assessora de uma amiga minha, e na época, foi a época que o computador começou a fazer parte da paisagem das salas, do administrativo.. ainda não tinha sala de informática mas enfim, e na época existia a descentralização financeira, ou seja, o Governo do Estado mandava valores para as escolas, para as escolas é.. aplicarem naquilo que achasse mais necessário ou oportuno. E a outra diretora virou para mim e disse assim: -Isso aí vai ser com você, porque é tudo planilha de excel- E eu: -O que?-. Bem, como aconteceu? Eu fui frequentar aulas de informática, porque eu não sabia era nada! Ou coisa nenhuma, como quiser, pode escolher. E assim, eu assim ó, outro bac na minha vida, esse foi um momento, daí eu aprendi, lidei e eu fazia. O outro momento foi quando surgiu o

Diário Online, que daí pra mim também foi assim: Meu Deus, agora o que que eu vou fazer? Eu entrei em pânico, a primeira reação minha foi: Eu vou desistir de tudo isso, vou cair fora que tá na hora de eu me aposentar. Mas eu não tinha tempo, nem idade para isso. Daí eu pensei, não Diana! Te centra, tu tem que dar o melhor de ti, olha a evolução! Charles Darwin né! Aí, assim, a gente aprende errando né, mas eu no final dominava o tal do Online, assim como também dominei excel, e teve muitas coisas que eu me frustrei, que por exemplo existem lousas digitais na escola, a gente sabe que tem três ou quatro, e que ninguém usa e é feito capacitação, vem professor que sabe usar, mas não usa, porque não sei... Talvez um atraso, um comodismo... não estou aqui para julgar ninguém, porque eu também não usei, eu também nunca fui lá tentar usar. Mas assim, eu confesso que sempre tive um pouco de dificuldade com as tecnologias, mas mesmo assim eu procurava utilizá-las.

Entrevistador: Como você avalia a infraestrutura da instituição em que você trabalha em relação a sua formação? No caso que você trabalhou né... O que tinha na estrutura da escola que dava um suporte.

Entrevistado: Eu acho que a sala de informática é um diferencial legal que tem na escola Teresa Ramos, que na nossa região é uma das pouquíssimas nas escolas que tem uma sala funcionando e ainda por cima uma pessoa que orienta. Nós não estamos aqui para avaliar como funciona, como é essa pessoa, mas tem e ali vai muito do professor também saber como usar essa ferramenta né... A biblioteca da nossa escola também não é das piores, mas em termos de acervo ela é... nível médio, só que talvez um ambiente deveria ser assim um pouquinho repensado ou modernizado né... Algo positivo também que eu vejo na escola são assim os vários espaços que a gente poderia um dia disponibilizar para trabalhar com alunos em grupo. Tem escolas que não tem um pátio assim como o nosso, que tem um pátio reduzido, e que não conseguem nem se mexer para colocar umas cadeiras em um dia de sol, e fazer um trabalho no sol né. Um jardim ali nos fundos, que agora foi remodelado faz pouco tempo né... E também pode ser aproveitado um auditório gente que tem capacidade para quinhentas pessoas. Eu me lembro que se faziam as noites culturais ali na escola e que todo mundo ficava: Poxa, mas vocês fazem uma noite cultural na escola! Não precisam alugar um espaço, hoje esse mesmo tá climatizado né e tem um palco lá... e são diferenciais, porque a escola pública ela tem carência disso que parece ser tão elementar, mas tem escolas públicas que carecem de tudo isso e muito mais.

Entrevistador: Tem escolas que não tem nem canetão para os professores usarem.

Entrevistado: Pois é! A escola... a faculdade da minha filha em Canoinhas, Giz, quadro de giz.

Entrevistador: Até o Bom Jesus.

Entrevistado: Pois é!

Entrevistador: Como você avalia sua trajetória em termos de evolução intelectual tanto como profissional? E qual papel que os alunos exercem agora considerando essa evolução?

Entrevistado: Como eu avalio? Lê o começo da pergunta.

Entrevistador: A sua trajetória, como você avalia a sua trajetória em termos de evolução intelectual e profissional?

Entrevistado: É, eu diria que no início da carreira a gente vem com todo o gás, e com uma bagagem de sonhos enormes, aí a gente vai conseguindo concretizar um ou outro pelo caminho, e a gente daí vai fazendo outros cursos e vão surgindo outras propostas de trabalho e vão surgindo também leis que querendo ou não te impedem de fazer algumas coisas, mas te motivam a fazer outras. É... eu volto a falar em relação a essa questão do intelectual o quanto é importante não só para o professor, pra qualquer profissional né, que não pode parar no tempo ele tem que admitir um dia que ele tem muito a aprender. A pessoa mais sábia para mim é aquela que admite o quanto ela tem para aprender. Então eu percebi que em toda a minha trajetória é... Diana professora, Diana diretora de escola, Diana secretária da educação, Diana professora novamente e depois por último Diana, novamente, assessora de direção, que em todos os momentos profissionais assim, eu nunca deixei de buscar conhecimento porque a gente não pode se dar por satisfeito né. E o restante da pergunta fala sobre os alunos?

Entrevistador: Uhum...

Entrevistado: Como é que era?

Entrevistador: Qual o papel que os seus alunos exercem agora considerando a sua evolução?

Entrevistado: Que os alunos exercem?

Entrevistador: É antes, os alunos tinham um papel, no começo quando tu começou a dar aula né, e com o passar do tempo você foi evoluindo intelectualmente, é você evoluiu certo? Agora com essa sua evolução, com essa tua... tu avançou

intelectualmente, como é que você vê os alunos e como eles interferem, se eles adicionam ou agregam algo.

Entrevistado: Cada dia eu aprendo mais com eles do que eu acho que eles comigo. São lições de vida, eu não tô falando aqui conhecimento científico, mas eu tô falando o que é o dinamismo da sala de aula. É, e no início, quando você sai do Ensino Superior, você sai assim... com algumas ideias que eu chamaria de utopias né, e que às vezes para mim nem foram tão utópicas, por que eu já estava em sala de aula né, mas ainda mesmo assim você sai com anos gigantescos, mas que bom que são gigantescos né, e depois você vai mais ou menos adequando aquilo que é possível e aquilo que não pode ser feito. Mas nesse viés ali né, dessas duas coisas, nunca se deve perder os sonhos, coisas que você sonha em fazer. É difícil é, mas vamos fazer e sempre foi assim. E os alunos eu passei a ver ano após ano, você vai tentando, você vai percebendo o que os alunos na verdade eles querem, precisam, você vai sentindo isso, eles querem um professor que seja exemplo, não me falem que não, pode ser aluno lá da creche ou da educação infantil, como um aluno que tá no terceiro ano do Ensino Médio, mas ele quer um professor que seja exemplo e ele quer também um professor que dê limites. Que não é o professor que bate no ombro e carrega o aluno no colo e diz sim para tudo e que permite esse aluno sair da aula quando ele quiser e entrar quando ele bem entender, não são essas permissividades que vão fazer o aluno te admirar no futuro. Claro que a gente tem que também ter bom-senso né, e eu sempre tive além de bom-senso um bom humor dentro das minhas aulas né, mas eu acho assim ó, que você tem que saber que o aluno você pode ser amigo do teu aluno, claro, se isso der certo, eu dizia isso em sala de aula. Se a amizade entre nós der certo tudo bem! Mas se não der, eu não me preocupo por que eu estou aqui para ser professor e não para ser amigo. Então assim, essa questão é muito importante se definir os papéis né, eu sou professor, você aluno. Se lá fora da sala de aula eu tiver um outro vínculo com você, lá no momento da aula isso não pode se misturar. Eu acho que acabei falando mais do que devia.

Entrevistador: Não, para a última pergunta pode até completar, o que fez com essa percepção seja dessa forma hoje em dia, essa sua percepção do agora.

Entrevistado: Eu acho que a maturidade traz isso né, o conhecimento, vivenciar o dia a dia na escola, conhecer o que tem por trás de cada aluno, da família, então você acaba conhecendo a família do aluno, você já deu aula para o irmão dele, para

o pai dele, quando você começa a olhar e vê: Eu já dei aula para a tua mãe, eu já dei aula para o teu pai e daí você vê que o rapaz já está barbado na tua frente, daqui a pouco quer ter um filho aí tá na hora de tu ir embora, aí você tem que reconhecer também o momento de guardar as tuas armas, isso não significa que você parou no tempo, mas você tem que reconhecer: Não, agora vou fazer uma pausa, o que não quer dizer que não fica a saudade, mas não aquela saudade que dói, é uma saudade gostosa de poder entrar no ambiente onde você trabalhou por tanto tempo né, e não só lá mas em todos os lugares onde você anda você encontra os teus ex-alunos que agora já são pais, já são mães, já conversam contigo sobre a educação que os filhos agora têm né. Então assim, é eu diria que isso tudo é mágico eu tenho essa visão ainda, de que a educação é um processo mágico e que é a única maneira que existe de melhorar a humanidade. Eu ainda acredito.

Entrevistador:Então é isso, a entrevista chegou ao fim.

Entrevistado:Ó quarenta e cinco minutos só! Mas vocês vão ter trabalho hahahaha.

ENTREVISTA 2

Entrevistador: Fale um pouco sobre você

Entrevistado: Meu nome inteiro é entrevistado(a) 2, 27 anos, vim lá do interior da Atalanta uma cidade minúscula, 3 mil habitantes, e caí meio que de paraquedas numa cidade grande aqui de Guaramirim, Jaraguá, 140 mil habitantes, através de uma ex-amiga, então, imagina só, lá do fim do fim do interior pra uma cidade imensa, pra quem mora no Guamiranga é o interior da cidade, é como se aqui no Guamiranga fosse a minha cidade porque ela é minúscula e garanto que só nesse bairro aqui tem 3 mil habitantes, então é basicamente isso daí mesmo, lá do interior da Atalanta.

Olha eu acredito que profissionalmente eu sempre, a gente sempre carrega de infância aquela vontade de querer fazer alguma coisa, todo mundo, toda criança quer ser 30 profissional diferente, eu queria ser padre lá no início da minha adolescência, queria ser arquiteto, queria ser um monte de coisa, só que daí na verdade, quando eu tava no Ensino Médio eu escolhia né, ou eu ia embora pra longe, muito longe fazer uma faculdade, ou eu ficava morando com os meus pais, que na época meu pai tava muito doente, então eu optei por ficar lá na minha cidade pra ajudá-los e depois seguir uma vida adulta, só que querendo ou não a gente sempre coloca na balança né, o que é bom pra você e o que é bom pra sua família, e eu acabei sempre muito deixando

pesar o lado família, então é por isso que, a minha vida inteira estudei lá, trabalhei lá e a pouco tempo que eu me desvinculei e vim morar em Jaraguá, Guaramirim, na região.

Entrevistador: Sobre a sua formação inicial, a sua faculdade foi aonde, como é que foi, quando se formou?

Entrevistado: Eu sai do Ensino Médio em 2008, eu mal tinha recebido, eu nem tinha recebido na verdade, o certificado de que tinha sido aprovado e já estava estudando na faculdade, já tinha feito o ingresso porque você vai lá faz uma prova entra e depois, entra depois que entrega o teu certificado que concluiu o ensino médio então eu entrei na faculdade ali, no início de novembro e em dezembro eu me formei, então foi muito rápido, eu iniciei a minha formação numa cidade chamada Ituporanga, lá perto do Rio do Sul, terra nacional né, capital nacional da cebola, eu comecei minha faculdade lá numa, no polo da uniasselvi, Click Soluções era o nome, e querendo ou não era o mais próximo possível pra mim na minha época lá da minha cidade, eu comecei estudando lá, foram 4 anos de estudo mas eu acabei saindo de Ituporanga e transferi pra Rio do Sul que era o polo principal lá da região, a faculdade, ela durava 3 anos, mas daí com um monte de programa pessoal, um monte de programa da vida, acabei cancelando 1 ano e depois no ano seguinte eu voltei e conclui a faculdade.

Entrevistador: Isso foi em que ano?

Entrevistado: Eu comecei em 2009 né, teoricamente assim dizendo, eu terminei em 2014, 9, 10, 11, 12, 13 são 4? Enfim, foram 3 anos de estudo, eu comecei em 2008, 2009, daí parei em 2010 e voltei em 2012.

Entrevistador: Porque você escolheu essa área?

Entrevistado: Cara meu, é muito, se eu falar assim, sendo bem sincero, eu comecei, eu fiz a minha inscrição lá, no processo seletivo, eu fiz pra História, não sei, deu a louca vou fazer em História, alguma coisa assim e pronto e na época eram assim 6 matérias é, iguais pra toda licenciatura, né eram as primeiras ali e depois o central nas específicas, no primeiro semestre eu estava estudando pra História, e quando a gente chegou, mais ou menos ali, na metade do ano, na cidade que eu morava, que eu morava em Agrolândia, já havia me mudado, me convidaram pra trabalhar em uma escola municipal, só que a vaga era de português, então eu disse bom, já que eu vou ser professor, vamo lá mesmo que não é da minha área, a gente dá um jeito, lê e se vira, tem é, vídeos no Youtube, aprende, dá uns pulo lá na sala, e quando eu comecei

a trabalhar na aula de português, eu lembro assim que os alunos ficavam olhando, me matava estudando final de semana pra dominar o assunto, eu não conseguia entender basicamente aquelas regras muito aplicadas, que eu passei pelo Ensino Médio tranquilo eu sempre me dei bem em português, mas quando você tem que desvencilhar assim, um assunto lá do fundo fundo mesmo que pra você ensinar você tem que a primeiro e demora muito tempo, eu tinha assim medo e por isso eu estudava bastante, e aí quando eu comecei a trabalhar eu trabalhei alguns meses de aula e eu chego o prazo pra trocar as disciplinas, bom, agora vocês vão se separar e vão seguir o caminho sozinhos, e daí eu falei bom, posso desistir de História daí o professor falou pode você vai ter que optar por uma delas, e eu acabei optando por continuar em português porque eu já estava trabalhando e querendo ou não eu sempre vejo que ser professor de português é mais fácil em relação a ter vagas, mas é mais difícil em relação a ser professor de português.

Entrevistador: Que tipo de leitura você teve acesso, na faculdade, pra substituição?

Entrevistado: Quando eu comecei a a gente tinha várias disciplinas como vocês tem, hoje em dia qualquer área tem, mas a gente sempre focava em gramática é, e linguística e literatura, eu sempre direcionava mais as leituras de literatura pra aqueles livros que todo mundo fala assim, ah tá empoeirado lá, é esse, porque professor de português gosta daqueles livros de literatura brasileira que Deus me livre e guarde, e eu não sou muito fã da literatura brasileira, eu não sou um leitor nato brasileiro em questão de cultura, sabe eu não gosto de ler literatura brasileira do passado, aquela coisa que é mais História, é, geografia, política e questões sociais, eu não gosto disso, tanto é que as minhas aulas elas são voltadas pro presente e pro futuro, eu não sou muito fixado em passado, passado, passado, tanto é que quando eu vou trabalhar literatura com os alunos do ensino médio, eu sempre trago alguma coisa atual, contemporânea, e daí eu coloco dentro do contexto passado, claro que daí eu explico pro aluno a característica lá da época o porque sim o porque não da História os autores né, mas na época quando eu estudava o professor chegava na sala de aula com um carrinho de compras, sabe aquele bem sucinto, um monte de livros, tinha, Lima Barreto, Castro Alves, Policarpo Quaresma, enfim, todos os possíveis, né, e a gente tinha que ler, indiferente, a gente tinha que ler o livro, do lado do livro ele dava uma ficha de anotação e a gente anotava ali as palavras que a gente não sabia e ele mandava levar pra casa e trazer como tarefa pronta com o significado do lado, daí

hoje em dia quando o aluno tá lendo os livros ele tem uma leitura aqui na escola toda semana uma aula, o aluno vem assim, a professor o que que é tal palavra, já é rápido, instantâneo, a é isso e aquilo, pô professor como que tu sabe disso, eu sempre falo eu não estudei 4 anos da minha vida mesmo parando 1, mas eu não estudei 4 anos seguidos pra chegar aqui e falar bom deixa eu pensar, porque querendo ou não, a gente lê muita obra eu tenho um projeto de leitura aqui na escola e ao invés de carregar, te o carrinho de compras eu tenho uma mala imensa, que até hoje eu tinha perdido ela, esqueci numa sala e não lembrava aonde tava, uma mala enorme, por exemplo assim ó, se você se encolher você cabe dentro dela, ela é muito grande e todos os meus livros que eu comprei desde que eu morava lá na minha mãe, aqueles livros assim de romance, suspense, aquelas coisas assim que vocês gostam de ler sabe, e eu trouxe eles de casa porque todos os meus livros que estavam lá em casa na estante pra bonito, e eu não quero um livro pra bonito eu quero um livro pra conhecer, levar cultura, conhecimento, imaginação e eu trouxe os meus livros pra sala de aula pro projeto de leitura e quando eles perguntam, a professor o que significa tal palavra, é rápido e instantâneo porque eu já fiz isso, né pesquisar o significado dela e ter que se aprofundar no conhecimento.

Entrevistador: Então mesmo que foi uma leitura pesada na faculdade foi algo que te ajudou a passar os conhecimentos?

Entrevistado: Foi algo que me ajudou bastante porque os autores brasileiros eles são muito diversificados em questão de linguística, eles usam muitas palavras, eles tem uma, assim, um campo semântico imenso, então todo autor tem uma linha de pensamento e eu consegui acompanhar todos esses autores, por isso é que hoje quando eu tô fazendo algum discurso ou escrevendo eu tenho assim, 3, 4 palavras que tem o mesmo significado, porque nos longos 4 anos de literatura eu tinha que mesmo não gostando, ó não gosto desse livro aqui, é feio, nojento, a mais você vai ler sim, e pronto, não tinha outra escolha porque ou você faz o trabalho e ganha nota ou você reprova então a gente acaba se obrigando muito.

Entrevistador: Mais foi só literatura brasileira que você teve?

Entrevistado: Da minha faculdade foram só literaturas brasileiras, porque ela é língua portuguesa e literatura, tanto é que nós professores de português aplicamos em sala somente literatura brasileira, então a literatura portuguesa tem alguns autores, tem relação, mas a gente foca mais em questão de Brasil, tanto é que nós deixamos de

ser dependente da coroa portuguesa, então por isso que, hoje e lá na minha faculdade era só leitura em relação a escritores brasileiros, o professor trazia às vezes um ou outro, uma outra obra, um clássico português, Camões, por exemplo, pra gente entender né, tanto é ah, o pai da escrita, Camões ali aparece em qualquer lugar, mas o foco principal sempre era a leitura em função de autores brasileiros pela nossa linguagem.

Entrevistador: E durante a formação inicial o que mais agregou para a sala de aula?

Entrevistado: O que eu acho que, pra agregar em questão de sala de aula, é estar em sala de aula, a faculdade ela te dá a metodologia, ela te dá o assunto o professor tira as dúvidas mais cruéis possíveis, porque ele tá a num nível maior né, acima de você, mas a questão do preparo é em sala de aula porque é um, todo dia um assunto que um aluno trás diferente é uma dúvida diferente, por exemplo você tem o seu caderno de planejamentos, mas se eu chego numa sala de aula e a turma tá agitada eu tenho que contornar, eu tenho o conteúdo em mim, como que eu vou passar o conteúdo de gramática aplicada se o povo tá, né, chegou de uma educação física, por exemplo, a preparação mesmo, ela vem mais da própria sala de aula, mas a faculdade ela ajuda bastante na segurança que você tem do assunto.

Entrevistador: Você se sentiu preparado quando chegou na sala de aula com a preparação da faculdade

Entrevistado: Eu lembro perfeitamente que eu entrei numa sala, mais ou menos desse tamanho e era uma turma de oitava série, na época não tinha oitavo ano então imagina ó quanto tempo, e era uma turma de oitava série e eu era novo, eu tinha 18 anos, 19 anos, não tinha nem barba na cara ainda e eu cheguei na sala aquele pirralho ainda, a maioria dos alunos lá era quase do mesmo tamanho que eu, e mas como é uma cidade pequena eles tinham conhecimento porque bom, vamo ver o tom de voz da criatura vamo ver como que esse professor fala, e eu lembro que eu entrei na sala e os alunos ficaram assim me olhando tipo, ai eu precisei de, qual é a primeira palavra que se fala? Se é boa tarde, se é e aí, beleza, sabe quando você, e eu lembro que eu olhei assim, ó eu acho que eu demorei uns 3 minutos, parei na frente da mesa do professor, e olhei cabeça por cabeça, aluno por aluno pra ver a fisionomia, quando eu tive um panorama de todo mundo, daí eu falei boa tarde gente, sou o professor Jean de português aqui, né, mas deu um choque, assim, sabe, aquela cena do filme que a pessoa ficar parada um segundo mas tem um filme de 3 horas na cabeça dela e eu

fiquei observando cada cabecinha na sala de aula e falei meu deus como que eu converso com essa sala, daí quando eu respirei eu falei, agora vai, tá aqui vai embora.

Entrevistador: E o que foi negativo da sua formação inicial?

Entrevistado: Eu acho que, o negativo da minha formação é porque ela era ensino a distância, então eu estudava uma vez por semana, por mais que eu tinha o apoio do professor, da instituição, 95% era em casa, então eu toda a minha formação basicamente em casa, a gente sabe que é isso né, o diploma tá ali mas o mérito é 100% teu, porque o professor, como tinha aula 1 vez por semana, nós ganhávamos o material, o professor passava uma vídeo-aula e a gente tinha que anotar a dúvida, eu tinha que estudar o meu assunto e entender o meu assunto, tinha algum termo, alguma parte do assunto que eu não entendia, eu fazia a pergunta, e daí levava na outra semana pro professor, e daí que muitas vezes na outra semana, já era um outro assunto diferente, então muitas vezes se perdeu muita coisa que a gente poderia ter um conhecimento muito maior, claro que meu deus, não consegui responder a pergunta, então a pergunta ficou, mas assim, eu acho que o negativo foi o fato dela ser ensino a distância pra mim, principalmente na questão por ser de português eu tive que me dedicar 100% ao máximo só eu em casa e pronto.

Entrevistador: Você teve algum tipo de bolsa?

Entrevistado: Não, nem um tipo de bolsa, eu entrei na faculdade com o meu histórico escolar e na verdade eu nunca tentei bolsa né, nunca fui atrás, porque, sinceramente Débora, lá 10 anos atrás eu não tinha tanta informação, a você pode ganhar uma bolsa, mas ninguém falava assim tem aqui, é assim que funciona, se inscreve em tal site não tinha essa informação era muito, muito vago e hoje os alunos de primeiro ano Ensino Médio já sabem muito mais do que eu na época, talvez se eu tivesse um auxílio, um esclarecimento melhor eu poderia ter ganhado bolsa como eu ajudei a minha irmã mais velha agora a ganhar a bolsa dela, então na minha época não tinha, hoje a gente tem um acesso muito maior a informação, que bom por isso.

Entrevistador: Quais foram as principais metodologias que seus professores utilizavam pra lecionar?

Entrevistado: Os professores de faculdade, gente eu tive um bom professor a minha faculdade inteira, acreditam, não é professor é tutor, então eu tinha um professor, ele era muito gente boa, como todo mundo fala o professor é gente boa e, eu lembro que eu, a gente quando nós íamos pro intervalo, ia lá, ficava junto, conversava, mas

sempre muito ético em questão de profissional, e eu lembro que a metodologia do meu professor era pegar a tua dúvida e jogar na tua vida, ó a tua dúvida é essa aonde tu usa? É aqui, ele era muito realista, coisa que eu sou hoje, então, o professor sempre interfere na vida do aluno, sempre, a minha dúvida é essa, professor, aonde que eu vou usar tal coisa, ali, então ele continuava em todas as aulas pegando essas dúvidas e mostrando a solução no problema real, então eu tenho essa metodologia comigo também.

Nossa e quando vem algum aluno mais velho, ah professor como é que você tá, tá na escola ainda, e eu começo, meu deus do céu, ele já tem filho e eu to aqui ainda.

Entrevistador: Qual metodologia te inspirou pra lecionar na sala?

Entrevistado: Eu sou uma pessoa que vejo assim, eu não vejo o professor mediador do conteúdo, porque hoje tá muito, o conteúdo está acessível, se você quiser você tem toda a informação possível, o professor ali na frente ele tá conciliando dúvidas, porque a tua dúvida você vai ter, você não consegue sanar mesmo que você assista uma vídeo aula, mesmo que você pergunte pra um amigo, então eu vejo hoje a minha metodologia conciliar a tua dúvida com a vida real, foi como o professor fez, então, essa História de a, senta e ouve que eu to explicando, é meio que autoritário isso, eu não gosto, eu gosto bastante de colocar a turma em círculo na sala porque todo mundo se sente igual, quando você tá alinhado, um na frente o outro atrás, ah o pessoal do fundão é bagunceiro, o pessoal da frente, os nerd, o pessoal da parede encostados, preguiçoso e você acaba sendo taxado de alguma coisa e eu gosto de trabalhar em círculo, todo mundo é igual, ninguém é mais do que ninguém, porque você tá de frente pro outro e pronto, eu gosto de colocar essa visão pro aluno, você em sala de aula é igual a todo mundo, claro que tem alguns que se sobressaem e outros que tem dificuldade, mas a questão da conversa em si, de explicar o assunto, de trazer um exemplo, colocar na vida real deles, eu gosto bastante porque eu percebo que o aluno entende a importância do assunto, mesmo que ele não fale direito, mas ele entende, ah o professor tá explicando isso aqui, porque eu sei que falta isso na minha gramática, no meu texto. Tá mas se eu quiser usar e o professor não der beleza, mas eu sei pra que que serve.

Entrevistador: Como foi o estágio?

Entrevistado: Eu tive, na verdade, alguns estágios né, só que zero diversificados, primeiro você tinha que fazer um relato, um relato de experiência docente, você tinha

que relatar como que era em sala de aula e o mais marcante pra mim foi o último estágio mesmo que era, que era o derradeiro que a gente fala né, que era o mais importante assim, eu fiz um projeto pra avaliar o desempenho porque eu já trabalhava numa escola estadual e eu já era professor né, então eu fiz estágio com a minha própria turma e eu mesmo fiz lá todo o planejamento e a diretora da escola só foi lá avaliou, assistiu e deu a nota, como, como, foi muito fácil passar no estágio mas o projeto em si ele foi muito consistente eu fiz uma pesquisa pra descobrir qual método os alunos daquela cidade recebiam melhor, se era do modelo tradicional ou o modelo lúdico, então tinha duas turmas de sexto ano a turma tal era ensino lúdico e a turma tal ensino tradicional, do mesmo jeito só que a dinâmica e a metodologia diferente e a mesma avaliação, então o ensino lúdico os alunos tiraram notas excelentes e o tradicional notas péssimas, e aí eu fiz o comparativo cheguei a conclusão é, levei todo o material pra escola, e querendo ou não pra mim, agregou muito em questão de profissão hoje, você queria, em é, aprende o teu conteúdo de maneira tradicional ou de maneira lúdica, bom com que você queria que o teu professor, o teu professor te ensinasse assim.

Entrevistador: E quanto tempo durou esse estágio?

Entrevistado: Esse estágio durou 3 meses, 3 meses, eu fazia a metodologia, os objetivos gerais, os objetivos específico, todo aquele monte que a gente tem na estrutura, o prazo dele foram 3 meses, mas não era 3 meses todos os dias né, eram dias intercalados na semana, dois dias por semana.

Entrevistador: A graduação alcançou suas expectativas?

Entrevistado: Pessoais, profissionais eu acredito que sim, deixou muito a desejar da questão das dúvidas em sala de aula por ser ensino a distância mas eu acho que se não tivesse alcançado os meus objetivos, hoje eu não seria professor, eu estaria em outra profissão diferente e eu tenho certeza que ela alcançou porque eu não me vejo fora de uma sala de aula, então, não sei, que que eu faria hoje, por exemplo, ah você sofreu processo administrativo e tu nunca mais vai dar aula, que que eu vou fazer agora eu não sei, então acredito que sim a graduação ela conseguiu suprir a minha necessidade.

Entrevistador: Quão preparado você se sentiu ao final da sua formação universitária?

Entrevistado: Olha, em questão de preparo, como eu falei a gente acaba se preparando bastante porque você precisa realmente né, se empenhar, estudar, tirar

suas dúvidas, criar as suas dúvidas e em questão de cursos profissionalizantes, especializações eu lembro que nós precisávamos fazer bastante cursos pela questão da carga horária, se eu for contabilizar hoje todos os meus cursos eu tenho mais de 5 mil horas de curso de diversas áreas, desde, é, ambiental, sexual, metodologia aplicada, língua materna, vários anos diferentes, então a instituição além de, de fornecer todos esses cursos aí, eu vejo que ela preparou bastante a grade curricular em questão assim de diversidade, e não, eu não foquei só em português, português, português, português então foram vários cursos de várias áreas e a gente acompanha. então vai sabendo mais né, de certa forma, auxilia bastante porque o professor precisa ser psicólogo, pai, mãe, tio, médico, tudo.

Entrevistador: Até que ponto você participou da escolha desses temas?

Entrevistado: Os cursos na verdade eles ficavam disponíveis na plataforma do aluno, todos os cursos que a universidade tinha, todos né, então você ia lá e selecionava aquilo que você gostava, mas falar assim olha gente, o que que vocês acham de criar um curso assim, fornecer um curso assim, a gente não teve esse acesso, eu não sei se a gente não tem esse direito, mas em relação a escolher um curso de uma plataforma 30 cursos mais ou menos vamo dizer assim e mesmo se escolhia. então você tinha uma certa autonomia mas não 100%.

Entrevistador: Não tinha um mínimo de carga horária de curso que você tinha que ter?

Entrevistado: Na verdade tem uma porcentagem mínima de cursos que você precisa ter eu só não lembro ao certo se é 300 ou 600 horas que você precisava obrigatoriamente ter de curso pra complementar na sua grade curricular.

Entrevistador: Depois de graduado qual foi a sua primeira instituição?

Entrevistado: A minha primeira instituição foi realmente a minha primeira escola lá em agrolândia uma cidade vizinha que a minha irmã mais nova hoje, ela é professora nessa escola mesmo.

Entrevistador: Depois daquela escola você veio pra Guaramirim já?

Entrevistado: Depois daquela escola eu entrei pra rede estadual lá ainda na cidade depois eu continuei trabalhando lá, eu comecei na municipal e depois fui pra estadual, daí no ano seguinte eu trabalhei na rede estadual naquele mesmo colégio e em uma escola municipal na cidade de Rio do Sul, aí eu, como eu conhecia Rio do Sul de uma maneira melhor eu pensei bom gente, vamo encarar a vida mais abertamente, e foi aí quando a minha amiga falou vamo pra Jaraguá do Sul? Eu falei olha terminei meu

casamento, me separei, nada me impede aqui, então eu falei vamo, e daí eu vim pra Jaraguá do Sul, e se eu não me engano, vai fazer 6 anos que eu moro aqui, eu acho.

Entrevistador: E como foi o primeiro contato com a escola que você fez a substituição?

Entrevistado: O primeiro contato foi, eu acredito que todo mundo se sente inseguro quando é um professor novo, todo mundo se sente inseguro, ah será que ele vai dominar a turma, será que ele domina o conteúdo, e a primeira impressão né que eu tive da escola, o primeiro contato foi em questão de insegurança da parte deles porque todo mundo acredita professor novo, ah saiu da faculdade não tem domínio de sala, na verdade a gente acaba jogando de certa forma sim né, ah médico novo, saiu da faculdade agora não conhece o paciente então, querendo ou não a gente sente um certo preconceito né, em relação a isso mas eu fui super bem acolhido, todo mundo gosta de trabalhar com quem é um pouco mente aberta como eu, acredito sabe.

Entrevistador: E como você chegou naquela escola, foi um amigo que recomendou?

Entrevistado: A minha tia ela é professora também e ela, como ela trabalhava na rede municipal, ela disse olha Jean tem uma vaga disponível de uma professora que entrou em licença e como você tá fazendo a tua graduação eu te indiquei e daí a própria prefeitura me ligou perguntando se eu queria a vaga um tempo, caráter temporário, se eu não me engano 6 meses, e eu falei olha já que eu to estudando e a minha tia me indicou e ela acredita que eu sou capaz então vamo lá, então quem entrou em contato pra eu começar a trabalhar foi realmente a prefeitura e depois que eu estava na prefeitura um outro amigo meu falou, falou pra mim olha tem uma vaga também disponível no colégio estadual, porque que você não vai, olha vê como funciona, então beleza fui lá, eu não conhecia, olha na faculdade eles não dizem assim, pra você ser professor numa escola municipal você tem que ir na prefeitura e perguntar, pra ser professor estadual você tem que entrar no site estadual lá e ver como funciona, ninguém fala isso, tipo é boca a boca, é assim que funciona e vamo pra aula.

Entrevistador: Ali naquela primeira escola, esse contato que você teve com os primeiros alunos, isso ainda reflete na tua formação?

Entrevistado: Eu acho que na verdade serviu de base, mas todo ano sempre muda os alunos é, muda o temperamento dos alunos, então nem sempre vai ser a mesma coisa, mas eu lembro que o fato de trabalhar naquela turma eu vejo hoje como se fosse o primeiro dia de aula a cada aula, então dá o seu melhor e representa o seu

melhor, só que infelizmente a gente sabe que a cada dia é um dia não houve, então nem sempre vai ser as mesmas táticas né.

Entrevistador: Além dessa, quantas instituições você trabalhou até agora?

Entrevistado: Olha eu trabalhei primeiro naquela escola municipal, depois eu fui pra escola estadual de uma cidade vizinha, aí eu continuei trabalhando em uma outra escola municipal da cidade de Rio do Sul, fiquei durante 3, 4 anos lá e eu vim pra Jaraguá daí eu trabalhei no Centro de Educação de Jovens e Adultos, trabalhei também na Odete Piazeira, trabalhei também no CEJA aqui de Guaramirim, trabalhei também no SENAI de Jaraguá e aqui no São Pedro, então são 8 instituições.

Entrevistador: Comparando essas instituições quais dessas acrescentaram mais pra tua formação e porque?

Entrevistado: Eu acho que uma das escolas que teve maior influência pra mim, assim, a mais importante de todas foi trabalhar no SENAI que é uma escola particular que é muito cobrado, muito cobrado e eu gosto, por exemplo que cobrem de você mas que te dê apoio, que tenha apoio, ou seja, eu quero que você trabalhe muita coisa com os alunos mas você tem o material disponível, você tem o suporte, você tem assistência, então ótimo, eu lembro que assim, eu precisava aplicar o assunto, aplicar a atividade, corrigir a atividade e aplicar a avaliação e nas outras escolas a gente quase não consegue fazer isso, muitas vezes o professor explica o assunto e já passa a avaliação, e no SENAI era muito cobrado e a minha coordenadora ela sempre falava eu acredito em você e eu ganhei muito, muitos livros dela sabe, muitos livros de gramática, literatura pra te como base eu ganhei isso de presente eu carreguei até as vezes aqui pro São Pedro, e a segunda escola que foi mais marcante pra mim é o São Pedro tanto é que eu to aqui 4 anos, 5 anos se eu não me engano, aqui eu aprendi a ser professor em grupo, no SENAI eu era, eu aprendi a ser professor de aluno realmente, dominar muito mais o assunto, dominar a minha sala de aula enquanto eu to falando e você tem alguma dúvida pergunta e a gente vai indo e aqui no São Pedro eu aprendi a ser professor em grupo trabalhar em grupo é, respeitar os outros professores, não que eu não respeitava, mas eu aprendi muito mais, porque a gente conhece a, a gente convive muito mais com os professores, todos os dias, no SENAI eu trabalhava segunda, quinta e sexta, eram poucos dias, mal se via rapidamente ia pra sala, trocava e pronto, e aqui a gente tem um contato humano maior com os alunos e muito maior com os professores, então a sala de aula é uma coisa e a sala dos

professores é outra, imagina assim né, pra mim a sala dos professores é uma festa porque eu to lá em amigos, amigos de trabalho, que a gente sai as vezes faz um lanche pega uma cerveja vai pra uma festa, e não ficou restrito somente, somos professores cuidado com o que você fala, então eu aprendi a viver em grupo profissional aqui no São Pedro, foram as duas escolas que me fortaleceram, o SENAI em questão educacional em sala e o São Pedro em questão de grupo, eu aprendi muito aqui.

Entrevistador: E você sente essa diferença de patrocínio?

Entrevistado: Com certeza, é engraçado que, o material que eu ganhei da, da instituição privada, a minha coordenadora me deu porque todo mundo, todas as editoras levam um brinde, olha analisa o meu material e se gostar compra de mim é assim que funciona, e a biblioteca vive cheia desse material, e aqui na rede pública por exemplo, o material que a gente vê é muitíssimo sabe escasso por exemplo, eles mandaram um material pra gente agora escolher 150 obras diferentes mas meio que empurrados por que eles vão ganhar em cima a gente sabe disso, não desmerecendo, mas na rede privada você tem muito contato, todo mundo quer oferecer o trabalho e depois obviamente você vai escolher qual é o melhor de trabalhar e aqui a gente tem, por exemplo na escolha do livro didático 4 editoras diferentes, e uma delas a gente só vai escolher a menos ruim, assim dizendo, e pra iniciativa privada todo mês tem um escritor diferente, todo mês tem um livro diferente pra você escolher sabe, então a gente sabe que o acesso a informação é muito maior.

Entrevistador: Você sente a necessidade de aprofundar os conhecimentos na sua área?

Entrevistado: Em relação a mim ou aos alunos?

Entrevistador: Em relação a sua área, o que você acha que tem que aprimorar?

Entrevistado: Eu acho que todo mundo sempre gosta, pelo menos professor, eu acredito que assim, a maioria gosta de estudar, estudar, estudar, eu quero muito continuar, ano que vem fazer o mestrado aprofunda o conhecimento pra mim e pro aluno, só que eu sei que quando tiver mestrado, não vai ser compensatório trabalhar mais aqui, então, não adianta eu falar assim que eu vou fazer o mestrado pra ser professor da rede estadual, mas eu sei que é sempre muito válido pro professor se aprofundar, avaliar e replanejar o método de ensino, por exemplo qualquer curso de aperfeiçoamento, qualquer faculdade que você vai e é especialização sempre vai ter

uma dinâmica diferente, sempre te agrega muito mais em conhecimento, e isso é válido e eu acredito que pra mim como pessoa eu quero também continuar aprofundando o conhecimento pra mim, mesmo que eu não precise repassar esse conhecimento, mas como pessoas eu quero aprofundar esse conhecimento e entender mais coisas.

Entrevistador: Ainda em relação aos seus conhecimentos, como você se capacitou para utilizar a tecnologia nas suas aulas, você teve necessidade, você não aderiu?

Entrevistado: Tecnologia, multimídia e todos esses aspectos provavelmente né? Eu sei que eu apanhei bastante pra aprender a mexer em, mexer a gente fala mexer pra entender né, é a manusear o datashow, sempre tinha um auxílio, na faculdade nós tivemos uma disciplina específica mas era só a dúvida, não era a prática, olha esse fio aqui azul engata ali, nós não tivemos isso. então ah, nós aprendemos bastante prática todos os dias tanto é que aqui na escola São Pedro tem uma lousa digital, tem uma lousa digital, só que eles não passaram nem uma formação pra nós, eles não passaram também como funciona pra ajeitar, simplesmente falaram “porque tem uma sala que tem um painelzinho bem pequenininho do lado do quadro, e os alunos perguntam professor pra que que é aquilo, eu só sei dizer, é pra lousa digital, só. Mas ninguém capacitou o professor, ninguém instruiu o professor ou o acompanhou, porque querendo ou não é algo inovador pra gente. Só que, eu percebi que questões de tecnologia é aquilo que você sabe fazer e aquilo que você aprende sozinho, por exemplo, a biblioteca da escola tinha computadores que funcionavam, e eram muitos processadores, linux, sei lá, eu nunca aprendi a mexer. então os alunos muitas vezes sabiam mais do que o próprio professor. então hoje tecnologia em sala de aula pra mim aqui no São Pedro é escasso, eu não uso. Porque não tem, é internet sem fio, não tem o material necessário e os alunos não sabem usar o bendito do aparelho eletrônico, nas escolas privadas você tem o material, você tem apoio, você tem tempo, tudo. então o que eu aprendi com a informática foi na escola privada, mas mexendo sozinho, tem o altruísta, faz as coisas além por si só

Entrevistador: E como você avalia a infraestrutura da instituição que você trabalha em relação a sua formação?

Entrevistado: Olha hoje a gente tem um espaço muito restrito, né, todos os professores tinham algumas ideias maravilhosa, fantásticas, dinâmicas é, de iniciativa própria mas o espaço físico da escola não comporta isso, por exemplo poderia ter uma biblioteca

e levar os alunos eles sentarem pra ler no sofá, tatami, almofada pra eles se sentirem bem, poderia ter uma sala de vídeo, um auditório pra qualquer evento da escola só que simplesmente as escolas basicamente não tem isso, então muita coisa, você tem um projeto muito show de bola só que você tem que reduzir ele ao máximo pra se enquadrar dentro de uma sala de aula. Conhecimento e a vontade do professor é fora da sala, mas como a gente não tem esse comporte se restringe, se reduz a somente em 4 paredes.

Entrevistador: A escola tem que escolher, entre abranger todo mundo ou trabalhar com as ideias?

Entrevistado: Isso mesmo as vezes é manter o aluno na escola é a prioridade muitas escolas funcionam como creches né, o professor é babá de aluno, então se ele está dentro de uma sala de aula que, trancado, sem incomodar ninguém, tá valendo. Mas eu não gosto disso, eu gosto quando o aluno venha pra cá e que ele precisar de apoio ele tenha, só que muitas vezes a escola foca em questão de disciplina, levanta a cabeça, não pisca, respira, e se respirar fora do ritmo abaixa a nota. A gente acaba se sentindo inferior em questão de aprendizado que eu tive por exemplo, você aprendeu muitas coisas diferentes com os cursos de capacitação que você quer levar pra sala de aula mas a escola em si te reduz e te limita em 4 paredes, você se dá ao máximo pra que o trabalho seja é, inovador, você chega com uma dinâmica diferente em sala, os alunos pensam “nossa, meu que maravilhoso, que tudo”, mas você sabe que aquele trabalho não chegou em nem 20% do que você mentalizou, Eu fiz uma dinâmica com os alunos do 2 ano que são turmas bem preguiçosas, assim dizendo, e eu trouxe dinheiro em espécie de verdade, notas de 2, 5, 10, 20 e 100 reais, e eu rasguei o dinheiro em sala, e na verdade, todo esse projeto ele teria que acontecer num espaço aberto pra chamar o aluno na frente, fazer algumas perguntas, conversar com eles, trazer exemplos diferentes, fazer uma apresentação diferente, teatro ou alguma coisa assim, mas como a escola não comporta, o que eu fiz, simplesmente coloquei a sala em círculo, levantei, peguei o dinheiro, expliquei, trouxe a dinâmica, a importância de você ter o seu valor, a importância de você construir ele de novo, ai eu rasguei uma nota de 100 reais, ok, passou uma fita beleza, mas quando você machuca alguém, humilha alguém, xinga alguém é, menospreza alguém, passar uma fita resolve? então podia ser uma coisa muito massa, muito maravilhoso, mas isso

simplesmente se restringiu a sala de aula. Entrevistador: Como você avalia a sua trajetória em termos de evolução intelectual e profissional?

Entrevistado: Eu acho que ela tá em, de tudo o que um professor de português precisa aprender eu acredito que eu to em um valor 50, um 60%. Porque eu conheci tudo o que tem dentro do português na faculdade mas muita coisa se perde, então querendo ou não você lembra, lembra e lembra tudo aquilo que você sempre aplica diariamente, só que muita coisa que fica para trás porque não é necessário pra se aplicar no Ensino Médio ou no ensino fundamental, muita coisa fica pra trás porque o nível não permite, então querendo ou não você é um profissional capacitado pra aquilo mas muitas vezes você precisa continuar estudando, quando a gente faz concurso, processo seletivo, você sempre revisa alguma coisa, regra, pra refrescar a memória, só que, alguns assuntos que eu explico em sala, muitas vezes eu já sei de cabeça começo meio e fim e não preciso nem levar livro pra sala porque você já sabe todos os dias, basicamente você fala que classificação morfológica, análise sintática, é isso que a gente precisa passar pra eles, agora como fazer uma estrutura sintática, como fazer uma oração reduzida são coisas que necessariamente eu não preciso aplicar pra eles então, acaba se perdendo

Entrevistador: Acaba lembrando isso, os cursos profissionalizantes, assim, carga horária pequena, estão disponibilizados pela, a que a o estadual, pública, Abrange as suas expectativas?

Entrevistado: Olha eu já fui em muito é, capacitação, em muita formação continuada e depende muito do professor, o assunto tema é interessante, é empolgante mas depende do palestrante. Eu fui em uma formação continuada na Anhaguera e que tinha duas etapas, a primeira etapa era sobre a aplicação da gramática em sala de aula e a segunda, e a segunda parte era sobre literatura, e a maneira como a professora abordou o assunto, é, abriu a nossa visão a nossa vontade de fazer coisas diferentes, quando em relação a primeira professora a gente falou “meu, ai cara vim aqui te escutar pô”, vem aqui pra me decepcionar em sala e a segunda parte do curso, ela trouxe uma dinâmica diferente, ela trouxe projetos diferentes e aquilo assim, me estimulou “meu que massa, que legal, vou fazer do meu jeito”, então, a formação, ela é válida mas, o professor tem que saber ministrá-la direito, estão todos os cursos são importantes, eles auxiliam muito, todos os cursos que eu tive sempre me auxiliaram bastante, mas eu julgo muito a maneira como o professor ministra porque eu também

sou professor, então eu acabo classificando em um curso bom ou em um curso ruim, se o curso for bom, significa que eu aprendi com o professor e eu queria ser como ele, agora se o curso foi ruim, “meu, tô careca de saber isso daí, eu vim até aqui pra esquentar cadeira”, então o professor é bem chato, não é novidade pra mim.

Entrevistador: Qual o papel que seus alunos exerceram até agora considerando essa evolução que você teve?

Entrevistado: Eu aprendi a ser um professor melhor, a ser uma pessoa melhor com cada aluno, tem dias que você olha pro aluno que não faz nada e dá vontade de arrancar a orelha dele, mas tem dias que você chega na sala e diz assim “tá, vamo lá então eu confio em você, eu acredito em você” e é dessa forma. O professor ele oscila muito em questão da, do afeto com o aluno, e do contato que a família troca com o professor né, muitas vezes não sabe distinguir o pessoal do profissional, mas os alunos eles trazem pra gente um aprendizado muito importante e eu acho que é isso que fortalece o professor, que traz o, que faz o professor busca uma metodologia diferente, um jeito diferente de abordar o assunto. então cada aluno você olha de um jeito diferente, você avalia de um jeito diferente, eu já tive alunos, por exemplo, que, é, que enquanto realizavam as minhas provas choravam, e aquilo eu falo “gente mas não é pra chorar, eu não sou tão mau assim, eu não sou ruim, eu não quero te prejudicar”, mas eu via aluno chorando pra fazer minhas provas, e tem turmas por exemplo que eu aplico a prova e eu sei que é preciso aplicar a prova naquele nível e eu vejo assim, parece que batendo a cabeça e falando “ai meu Deus, ai meu Deus, não vai, não vai” e dá um aperto no coração e dá vontade de falar assim “gente, parem de fazer essa prova aí e vou dar uma outra atividade mais fácil”, só que a gente tem que se segurar porque é preciso, então a gente vê muito no aluno a questão da afinidade com o professor e também como uma família um grupo, são coisas essenciais aplicar uma prova em relação ao nível deles, mas a gente se sente culpado, né, aquela certa dó, assim deles, sabe, mas é preciso não adianta.

Entrevistador: E o que você fez com que essa visão do aluno seja dessa forma, o que fez com que isso acontecesse?

Entrevistado: O fato, o que fez eu ter essa percepção de que é importante aplicar uma atividade difícil mas que tenha aquele sentimento eu acho que é a questão de realmente o aluno aprender e levar pra vida, eu ouço muitas vezes os alunos falarem assim “professor porque que português é a matéria mais difícil” aí eu pergunto, né,

respondo com a pergunta “qual é a língua que você fala? Qual é a língua que você escreve?” “a eu escrevo português, porque que é difícil então?” eu acho que o aluno, a percepção que eu tenho é que ele não se deu conta disso que é realmente importante, a partir do momento que você identificar que o português ele é uma disciplina que tem algumas regras a mais, a partir do momento que você entender isso fica fácil, e eu não nasci sabendo português, eu aprendi isso então eu tenho essa visão de que, se você entender de que aquilo é importante e você sempre vai usar, sempre, você vai buscar e se empenhar pra conhecer, por exemplo eu, professor de português, na minha vida vou ser bem sincero, eu nunca vou usar conta de física, nunca, não menosprezando a matéria, o assunto mas eu não vou usar, eu não preciso saber a velocidade do carro, não sei se eu preciso ou não, mas eu sei que a minha comunicação, a minha linguagem, o meu pensamento, ele é transferido pro papel através da minha linguagem que é o meu português, então a partir do momento que eu falo assim “Débora, o meu português não é importante”, eu vou ta falando assim “Débora eu estou me mudando para um outro país, e eu nunca mais irei falar português”, então o português sempre vai ser importante pra tua vida, não adianta, mesmo se for de maneira formal ou informal, se você for procurar um emprego e falar gíria, não souber falar de maneira correta, você vai se classificar de uma forma, você vai fazer uma palestra e você não tem domínio da linguagem, você se classificar de uma forma, se você tem 4 anos de idade e você ainda não fala nada, você é taxado de alguma coisa. O português, a fala é única então essa é a visão que eu tenho do meu aluno, ele tem que perceber que a linguagem deles sempre vai tar relacionada com isso.

ENTREVISTA 3

Entrevistador: Fale um pouco sobre você

Entrevistado: Então tá, meu nome é entrevistado(a) 3 natural de Guaramirim mas morei muito tempo fora daqui na cidade de Criciúma onde eu me formei, sou divorciada, trabalho na escola São Pedro há 8 anos, já trabalhei em outras escolas também, e eu acho que é isso não gosto de falar muito da minha vida pessoal.

Entrevistador: Há quantos anos você leciona, desde a sua formação inicial?

Entrevistado: 11 anos.

Entrevistador: Sobre a sua formação inicial, onde e quando se formou e porque você escolheu essa área?

Entrevistado: Eu me formei na cidade de Criciúma na UNESC, Universidade do extremo sul catarinense, e eu escolhi letras porque sempre gostei muito de ler e escrever, sempre gostei principalmente de leitura, só que eu acabei que me desiludindo um pouco porque professor não tem muito tempo para ler e escrever, ele tem tempo para ler os trabalhos dos alunos né?

Entrevistador: Dentro da faculdade como eram as leituras? que tipo de leitura você tinha acesso?

Entrevistado: Na faculdade era muita leitura, nós tínhamos que ler 7 a 10 livros por semestre mais ou menos, literatura, livros científicos da área da pedagogia e tal mas muita literatura, leituras mais difíceis mais complexas que às vezes você tem que parar tem que voltar ler de novo

Entrevistador: E você gostava desse tipo de leitura

Entrevistado: Inicialmente não, porque literatura, para você ler literatura, você tem que primeiro entender um pouquinho da história do autor, da vida dele e porque ele está escrevendo aquele livro, se não você não consegue entender aquela obra, e entender um pouco de literatura também né e a gente só aprende isso no decorrer da faculdade porque até então era leiga.

Entrevistador: O que mais agregou durante a formação inicial, que te preparou para a sala de aula?

Entrevistado: Para sala de aula? Na verdade a gente sai da faculdade sem preparo nenhum, sala de aula é prática, você se espelhar em bons profissionais em bons professore que você teve na infância, porque na faculdade você vai aprender bem a teoria, a prática vai ser no dia a dia mesmo.

Entrevistador: E o que foi negativo?

Entrevistado: Na minha formação? Não vejo nada negativo.

Entrevistador: Você teve algum tipo de bolsa ou auxílio do governo?

Entrevistado: Eu comecei pagando a faculdade mas logo eu arrumei emprego na faculdade comecei a trabalhar na faculdade e a partir daí eu ganhei bolsa da universidade.

Entrevistador: Quais foram as principais metodologias que seus professores utilizavam para lecionar?

Entrevistado: Bem variado, bem variado mesmo, porque na verdade letras é muito leitura e escrita então às vezes não dá pra você fazer muita coisa dinâmica não tem como, a aula de literatura mesmo não tem jeito, é ler, escrever, decorar, memorizar não tem outra opção.

Entrevistador: Qual metodologia mais te inspirou e te auxiliou para lecionar na sala de aula?

Entrevistado: Não sei, não sei te dizer assim qual me auxiliou, acho que sempre peço muito pros alunos lerem e escreverem não se aprende escrever sem ler e vice versa mas não é uma metodologia em si eu sou muito dinâmica em sala no sentido de estar circulando entre os alunos, conversando com os alunos de usar exemplos principalmente no trabalhar com gramática que é aquela parte mais chata exemplos do dia a dia que chegue perto dos alunos, porque o português em si já é taxado como chato, os alunos não gostam então eu tento me aproximar dos alunos como mais eu puder.

Entrevistador: Houve alguma inspiração vinda de outro professor que você teve antes da formação inicial?

Entrevistado: Teve, eu tinha uma professora de português do 6º à 8ª série que eu gostava muito e admirava muito ela o jeito dela e me inspirei muito nela.

Entrevistador: Como foi seu estágio? quanto tempo durou e o que mais agregou?

Entrevistado: É, o meu estágio da faculdade de letras a gente faz estágio os dois últimos anos ali, a gente tem dois estilos né, o meu estágio ele é dividido em observação e prática, e a prática dividida em duas: escola pública e particular. Na escola particular foi maravilhoso óbvio porque você prepara a aula com slide e com todo o material necessário e você tem tudo em suas mãos, já na escola pública foi um desastre.

Entrevistador: Abrangeu as suas expectativas?

Entrevistado: Eu já esperava que ia acontecer isso porque a escola pública que eu escolhi para fazer o estágio era uma escola bem de periferia, não tem nem como comparar com uma escola aqui de Guaramirim, era uma escola bem barra pesada, tanto é que às vezes os professores tinham que sair da escola escoltados pela polícia. Eles não tinham nada de material tecnológico, data show, não tinha retro projetor, não tinha som, a gente levou tudo de casa e quando nós chegamos na escola para fazer o estágio até foi muito engraçado porque o professor da disciplina não acompanhou

a gente, e ele deveria ficar né ele deveria assinar lá, ele simplesmente saiu da sala e deixou a gente a vontade, a gente preparou uma aula bem legal eu lembro na época que era sobre drogas e doenças sexualmente transmissíveis e por fim das contas quem teve aula fomos nós professores porque os alunos ali entendiam tudo de drogas naquela sala, e isso foi motivador para eles, porque eles eram alunos que, os próprios alunos nos falaram depois, que eles não gostavam de vir para a escola eles iam pra escola respondiam chamada e iam embora, a escola era livre podia entrar e sair a hora que quisesse, e eles permaneceram na nossa aula do início ao fim, então e foi gratificante nesse sentido que a gente conseguiu atingir e chegar nos alunos esse tempo talvez foi legal pra eles.

Entrevistador: A graduação no geral, ela atingiu as suas expectativas?

Entrevistado: Na teoria sim, na prática não, só que mesmo assim eu tenho orgulho da minha faculdade, ela foi até premiada aí um tempo, só que tu aprende a teoria, nenhuma faculdade te ensina a dar aula, te ensina a prática, primeiro que pra ser professor tu tem que nascer com um dom, não é qualquer um que consegue, não adianta dizer: 'ai vou dá aula' da noite pro dia, e você não ter o dom pra coisa, você tem que ter o perfil, para toda e qualquer profissão tu tem que ter perfil, não adianta tu insistir numa coisa que não vai, e assim existe na escola muitos professores que não nasceram pra dar aula, que eles são professores não sei talvez por uma escolha meio que vamos dizer 'coisas da vida', talvez não tinham muita escolha e resolveram assim dar aula, mas pra ser professor tem que gostar muito.

Entrevistador: Que disciplinas você teve na sua grade curricular da formação inicial?

Entrevistado: Linguística, fonética, literatura, gramática, língua portuguesa, língua inglesa, aí tem as disciplinas básicas, que tem em todas as graduações que são a metodologia científica, sociologia, tcc.

Entrevistador: Quão preparada você se sentiu no final da sua formação universitária? quais cursos que a instituição que você trabalha ou trabalhou lhe ofereceu?

Entrevistado: Muito ruins, os cursos oferecidos pelo governo, eu lembro de um curso que o governo ofereceu que era o curso do GESTAR, que era um curso voltado para português e matemática e eu tenho ainda os materiais guardados, porque eram cursos realmente que mostraram como dar aula e dava sugestão de atividades de como trabalhar com o aluno, agora nos últimos anos mesmo tá terrível os cursos de formação continuada.

Na faculdade eu fiz muitos cursos, porque quando eu fiz a faculdade tinha que ter um número x de horas de cursos extracurriculares, então eles ofereciam palestras e seminários fora o que nós tínhamos que participar ganhar certificado, eram muito mais proveitosos que os cursos de formação continuada de hoje.

Entrevistador: Você participava da escolha do tema desses cursos da faculdade ou já eram impostos?

Entrevistado: Eles eram escolhidos pela faculdade.

Entrevistador: E estes do governo também não havia escolha?

Entrevistado: A gente não escolhe, ele vem pronto.

Entrevistador: Depois de graduado qual foi a primeira instituição que você lecionou?

Entrevistado: Foi um instituição pública do governo do estado lá em Criciúma, e a experiência não foi muito legal não, foi muito ruim, eu fui dar aula também em uma escola de periferia, uma escola muito ruim de estrutura que eu lembro até hoje que as tomadas da sala de aula, que você tinha que cuidar quando ia acender a luz pra não levar choque, escola não tinha nada de material extra pro professor, os alunos também eram desmotivados, era uma escola que tinha uma boca de fumo do lado da escola os alunos eram muito agressivos e não gostavam de fazer tarefa, atividade então assim passei bastante dificuldade no início até eu conquistar o alunos e eles entenderem a minha metodologia de trabalho.

Entrevistador: Que papel esse primeiro contato com alunos exerceu na sua formação?

Entrevistado: Com certeza, muitas pessoas teriam desistido naquele primeiro momento, mas pra mim foi assim, um desafio, eu entendi que a educação tava precária e que muitas vezes somos nós professores que temos que fazer a diferença na vida do aluno né, que às vezes eles chegam na escola muito carentes de família, de pai, de mãe, de tudo quanto é coisa, de material, de roupa, de comida, entre outras coisas, mas muito a questão do carinho e da atenção, e foi assim que eu consegui conquistar o alunos dessa escola, tentando assim mais pra esse lado né, e ele me ajudou pra perceber que a educação ela não precisa de nós professores só como conteúdo, mas também essa questão da falta de afeto que eles tem em casa.

Entrevistador: Além desse primeiro contato em quantas instituições você já trabalhou?

Entrevistado: Acho que umas 8 ou 9 mais ou menos.

Entrevistador: Sabe mais ou menos as datas em que você se formou?

Entrevistado: Eu até consigo mas é um cálculo que né, eu me formei em 2007, mas não lecionei porque eu já trabalhava era secretária, eu era secretária de graduação na época, o que me ajudou muito na minha formação também, porque como eu trabalhava dentro de uma instituição, de uma universidade, a universidade é o local onde chega toda a informação primeiro, quando eles estão ainda estudando as coisas, são as universidades que estudam na verdade tudo que vai chegar para nós professores da educação básica, então tudo que acontecia toda a mudança tal primeiro chegava na universidade e como eu trabalhava na área da educação então eu estava sempre bem informada e entendia muito bem dos cursos então pra mim profissionalmente, foi muito importante aqueles quatro anos lá, aí em 2008 eu peguei umas 10 ou 20 aulas, não me recordo muito bem, nessa escola que eu tive o primeiro contato a qual eu não lembro o nome da escola, mas eu tenho que procurar nos meus arquivos lá em Criciúma, aí de lá vim pra cá em Guaramirim, em 2009 e em 2010 a primeira escola que eu peguei aula foi aqui no São Pedro e aí depois eu peguei aula em Jaraguá no Homago no Holando Marcelino Gonçalves, no outro ano se não me engano fui trabalhar na prefeitura no município de Jaraguá, trabalhei na Jonas Alves e na Maria Anilda já em 2011 eu peguei aula na Valdemar Schimmit e em uma outra escola na subida do morro que não lembro muito bem o nome, aí em seguida eu passei no concurso em 2012 e me efetivei aqui daí na escola São José ali no Rio Branco aí desde ali eu não fui mais ACT aí quando você é efetivo numa escola você não sai mais aí depois disso eu só fui dar aula no SESI educação de jovens e adultos no SESC, eu gostei muito de trabalhar no município de Jaraguá acho a estrutura da educação do município de Jaraguá muito legal eles tem um sistema de ensino lá que deveria ser modelo pro Estado e para outros municípios eu aprendi muito com eles e também quando eu trabalhei no SESC também pra mim foi muito bom as que faziam parte da GERED é essa do São Pedro e a Homago e aquela primeira escola que eu dei aula. Homago é uma escola muito parecida com a do São Pedro inclusive, comunidade muito parecida, muito unida com um nível salarial melhor mas o resto sim.

Entrevistador: Você sente a necessidade de aprimorar seus conhecimentos a sua área de atuação?

Entrevistado: A gente sempre tem necessidade de se aprofundar, na verdade a gente tem que estar estudando sempre só que pro ensino regular base o que a gente mais

precisa não é aprofundamento são cursos novos, coisas novas, novas metodologias, coisas diferentes

Entrevistador: Na área tecnológica você já recebeu uma capacitação pra isso?

Entrevistado: Me capacitei mas tudo na área de informática eu aprendi sozinha na prática graças a Deus nunca tive dificuldades muito pelo contrário me dei muito bem do Estado, sempre que veio algo novo eles disponibilizavam um curso, veio o data show, a lousa digital e a nossa não funciona mas tudo bem, então quando vem uma tecnologia nova eles sempre auxiliam sim.

Entrevistador: Como você avalia a infraestrutura da instituição em que você trabalha em relação a sua formação

Entrevistado: Em relação a minha formação tá legal, bem tranquilo a escola tem um nível bom de educação, o problema da nossa escola é mais na área tecnológica, falta internet, computador, falta um pouco de interesse assim de alguns, e eu vejo que assim, quando a gente chega em uma escola, por mais que a escola é carente de algum material ou algum material tecnológico, que seja, a gente tem que se adequar a escola, tem que procurar trabalhar com aquilo que a gente tem, e é aquela história se vira nos 30 né, você tem que fazer a diferença não é a escola, é você como professor porque você pode buscar coisas de fora, trazer material de casa e às vezes com coisas bem simples você consegue dar a aula.

Entrevistador: E como você avalia sua trajetória até hoje, em termos de evolução intelectual e profissional?

Entrevistado: A gente está sempre aprendendo, eu vejo assim que em termos intelectuais eu tenho muito que aprender e muito que estudar, eu gostaria de fazer mestrado em ciências da linguagem mas só tem em Tubarão este mestrado não tem por aqui, e profissionalmente eu sou bem feliz, eu acho que nesses 11 anos que eu sou formada, só a 11 anos e já estou na direção da escola, eu acho que foi tudo bem rápido não sei te dizer o porque e tal mas.

Entrevistador: Que papel os alunos exerceram considerando essa evolução?

Entrevistado: Muito importantes, porque eu acho que se a gente não ama e não gosta do que a gente faz, a gente não cresce profissionalmente também, a gente fica estagnado, é aquela história de fazer a diferença né, e dos alunos fazerem a diferença também na vida da gente, é tão gratificante para um professor quando a gente vê que o aluno gostou, que ele aprendeu e que ele conseguiu evoluir de acordo com o seu

conteúdo, com a sua metodologia, ou que você conseguiu em alguma forma ajudar aquele aluno.

Entrevistador: O que fez que você tivesse essa percepção hoje?

Entrevistado: Eu acho que a gratidão do crescimento da gente é muito importante, isso não desmotiva na verdade por mais que seja 10 que tenham essa gratidão e que demonstrem que realmente gostam pra nós faz muita diferença, porque a gente passa 4 horas com você, 4 ou até, e esse convívio com o aluno a gente acaba fazendo parte da vida dele porque o aluno ele acaba se abrindo acaba contando a vida dele a gente acaba se abrindo, embora que eu nunca tenha gostado de me abrir na sala de aula, sempre evitei mas às vezes os alunos nos procuram para conversar porque as vezes não tem em casa, e isso é legal, essa confiança.